

ANAIS
III Semana Acadêmica de Medicina Veterinária



2018



Comissão Científica



Méd. Vet. Antônio Catunda Pinho Neto

Prof. Me. Cahuê Francisco Rosa Paz

Profa. Dra. Debora da Silva Freitas Ribeiro

Prof. Me. Eric Mateus Nascimento de Paula

Profa. Ma. Flavia Garcia Dorigon

Profa. Ma. Gracielle Teles Pádua

Prof. Ma. Heloisa de Paula Pedroza

Profa. Dra. Ísis Assis Braga

Prof. Dr. José Tiago das Neves neto

Murilo Resende Silva

Prof. Ma. Raquel Loren dos Reis Paludo

Prof. Dr. Rodrigo Martins Ribeiro

Samara Martins Calegari

APRESENTAÇÃO



Sejam bem-vindos à III SeVet

A III Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da UNIFIMES foi realizada entre os dias 27 e 31 de agosto de 2018 em Mineiros. O evento composto por palestras e sessão científica contou com apresentação de pôsteres dos resumos.

A programação teórica foi realizada entre os horários de 8:00 às 18:00 horas, sendo direcionado a temática de diversas áreas do curso de Medicina Veterinária. Foram apresentadas 12 palestras durante os três dias. Os palestrantes, em sua maioria, atuam na região Centro Oeste, sendo oriundos de instituições de ensinos e pesquisa além de profissionais de empresas privadas.

As sessões científicas ocorreram após o término das palestras, com a exposição de pôsteres com temas relevantes à Medicina Veterinária, sendo os anais da III SeVet publicado em forma de resumos.

O evento foi organizado pelo Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros, com o auxílio de uma comissão de docentes e/ou pesquisadores, além de discentes.

Prof. Dr. Rodrigo Martins Ribeiro
Coordenador da Comissão Organizadora

EXPEDIENTE



Comissão Organizadora da Sevet

Presidente da Comissão organizadora:

Prof. Dr. Rodrigo Martins Ribeiro - Unifimes

e-mail: rodrigomartins@unifimes.edu.br

Vice-presidente da Comissão organizadora:

Prof. Me. Eric Mateus Nascimento de Paula - Unifimes

e-mail: ericmateus@unifimes.edu.br

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO



ORIENTAÇÕES GERAIS

1. Datas Importantes:

- 01/05/2018: Início do envio de trabalhos científicos (resumos)
- 15/06/2018: Data limite para envio dos trabalhos científicos (resumos)
- 30/06/2018: Divulgação dos resumos aceitos, aceitos com considerações ou negados;
- 30/06 a 04/06/2018: Correção pelos autores dos resumos aceitos com consideração;
- 10/06/2018: Divulgação final dos resumos aceitos para apresentação na conferência;

2. Serão aceitos resumos de todas as áreas da Medicina Veterinária

3. Uma vez finalizada a submissão do resumo, não será possível realizar modificações no mesmo.

4. Após a avaliação pela Comissão Científica o trabalho poderá ser aceito imediatamente ou aceito com considerações, neste caso, os autores farão as correções indicadas e submeterão o trabalho que passará por nova avaliação, podendo ser aceito ou negado definitivamente.

5. Não será necessário estar inscrito na Conferência para o envio de trabalhos, contudo, imediatamente após a aprovação do trabalho, o apresentador deverá efetuar o pagamento de sua inscrição, sendo a mesma vinculada ao aceite definitivo do trabalho; caso contrário, o trabalho será desclassificado para apresentação.

6. Não haverá limite de número de autores por trabalho e nem para a participação de trabalhos para um mesmo autor. Além disso envio do resumo pressupõe o compromisso de que o apresentador apresentará o trabalho aceito na III SeVet, nos dias determinados pela Comissão Organizadora do evento.

7. Os trabalhos serão avaliados durante toda a Conferência e deverão ser apresentados no dia 29/08/2018 entre 18:00 e 20:30h. É imprescindível a presença do apresentador durante todo o período.

8. Toda a comunicação com os autores se fará por meio eletrônico.

9. A apresentação dos trabalhos aprovados será em forma de pôster.

10. Os trabalhos aprovados pela Comissão Científica do evento, além de apresentados em forma de pôster na III SeVet, serão publicados nos Anais da Conferência, sendo vinculado ou não à uma Revista Científica, ficando claro que o promotor terá pleno direito sobre esta divulgação, sem gerar remuneração para as partes.

NORMAS PARA CONFEÇÃO DOS RESUMOS

1. Os resumos serão submetidos pelo apresentador (autor ou co-autor), pelo e-mail da comissão científica, acessado na página da III SeVet.

2. Serão aceitos resumos de todas as áreas de Medicina Veterinária:

3. Categorias:

a. Revisão Bibliográfica;

Entende-se como Revisão bibliográfica trabalhos que realizaram levantamentos bibliográficos e levantamento retrospectivo de casos.

b. Trabalho de Conclusão de Curso;

Trabalhos de conclusão de curso de graduação em Medicina Veterinária.

Entende-se por trabalho de conclusão de curso de graduação, trabalhos já apresentados pelo graduando em sua Instituição de Ensino, sendo necessário apresentação do termo de concordância da Instituição e orientador

c. Trabalhos científicos;

- Trabalhos vinculados a dissertações de mestrado (Stricto sensu)
- Trabalhos vinculados a teses de doutorado (Stricto sensu)
- Trabalhos vinculados a projetos de pós-doutoramento
- Trabalhos vinculados a Grupos de Pesquisa

Entende-se por trabalho científico, projetos de pesquisa, com hipótese, material e método específico e detalhado, resultados concluídos, avaliações estatísticas e conclusões.

d. Relato de Casos;

Entende-se como Relato de caso um trabalho que faz uma descrição detalhada de um ou mais casos clínicos, contendo informações importantes sobre sinais, sintomas e outras

características do paciente e relatando os procedimentos diagnósticos e terapêuticos utilizados, bem como o desfecho do caso e sua importância para o engrandecimento do conhecimento técnico regional, nacional ou internacional.

4. Não haverá limite de participação em trabalhos por um mesmo autor.

5. Não haverá limite do número de co-autores por resumo.

6. No momento da submissão, o apresentador deverá indicar o e-mail do autor para correspondência (o autor apresentador poderá ser o mesmo autor de correspondência).

8. No momento da submissão será necessário preencher o nome completo, filiação e CPF de todos os co-autores; salvo para autores estrangeiros.

9. Recomenda-se formatar o resumo em plataforma Word ou similar.

10. O Trabalho deverá ser redigido em português.

11. O resumo deverá possuir os seguintes itens:

a. Título: Fonte Arial, 12, em caixa alta (todas as letras em maiúsculas) e Negrito

b. Autor(es) e filiação dos autores: devem ser inseridos no e-mail encaminhando para a comissão científica, não deverão ser anexados junto ao resumo. (Filiação do autor significa o local onde o autor tem vínculo profissional ou acadêmico).

c. Corpo do resumo:

- Fonte Arial 10, alinhamento justificado e parágrafo sem recuo;
- Mínimo de 300 e máximo de 500 palavras;
- Deverá ser formatado com introdução, objetivo, material e métodos (ou relato do caso), resultados e discussão e conclusões (Atenção: não inserir estas subdivisões no corpo do texto).

d. Não será permitido inserir imagens, gráficos, tabelas ou referências no corpo do texto.

e. Palavras-chave: máximo 5;

f. Agradecimentos (opcional): inserir órgãos ou instituições que financiaram o desenvolvimento do trabalho;

g. Não inserir as referências bibliográficas utilizadas.

12. Uma vez finalizada a submissão do resumo, não será possível realizar modificações no mesmo;

NORMAS PARA CONFEÇÃO DOS PÔSTERES

1. É de total responsabilidade do proponente afixar seu pôster no espaço a ele destinado, na manhã do primeiro dia da Conferência (27/08/2018), sob orientação da comissão responsável;
2. O pôster deverá ser retirado pelo autor somente no último dia da Conferência (29/08/2018);
3. A comissão não se responsabilizará por eventual extravio dos pôsteres durante a Conferência;
4. O autor apresentador do trabalho deverá permanecer junto ao pôster durante todo o tempo da sessão para responder dúvidas dos interessados;
5. O pôster poderá ser apresentado por uma equipe de no máximo três pessoas; entretanto, será proibida a apresentação por terceiros (não autores);
6. Dimensões:
 - Largura: 90 cm;
 - Altura: 1,20m;
7. Arte: O tipo da fonte deve ser simples, permitindo leitura rápida e à uma distância de 1,5 metros;
8. Conteúdo: deverá conter o texto básico do resumo, mas é permitido e incentivado a inserção de imagens, gráficos e tabelas no pôster;
9. Abaixo do título deve estar o nome dos autores e instituição; corpo do resumo, e referências bibliográficas utilizadas (ao final)
10. Utilizar todos os recursos disponíveis para que o pôster desperte o interesse do público;
11. Sugestão: preparar cópias do resumo do trabalho ou cópias reduzidas do pôster e deixar disponíveis para os interessados. Podem-se incluir nomes e endereços dos autores.

TEXTOS APROVADOS



RS 001

Lorraine Silveira Silva e Rafaela Ferreira de Jesus – Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Gracielle Teles Pádua - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

BREVE REVISÃO SOBRE SARNA SARCÓPTICA

A sarna sarcóptica é uma afecção muito comum em cães, acomete principalmente animais fracos e subnutridos devido ao sistema imune desses estar debilitado, assim se tornam mais susceptíveis as infecções. Trata-se de uma enfermidade zoonótica de distribuição cosmopolita altamente transmissível. Este trabalho tem por objetivo apresentar os sintomas, diagnóstico e o tratamento da sarna sarcóptica, além de definir os hospedeiros e a forma de transmissão da mesma de forma breve. A enfermidade é do tipo papulocrustosa com intenso prurido causada por um ácaro, o *Sarcoptes scabiei* que escavam túneis na pele. Acomete outras espécies animais como coelho, ovinos, equinos, roedores, suínos, bovinos, onde é chamada popularmente de ronha, sarna vermelha, escabiose ou acariase sarcóptica e pode também infectar o ser humano. Os sintomas mais comuns são alopecia, hipotricose, prurido intenso, pápulas eritematosas, escamas, pústulas em infecção bacteriana secundária e em casos extremos a pele se apresenta liquenificada e ceratósica, enquanto em casos crônicos evidencia-se hiperidrose, hipertermia cutânea, emaciação, prostração, caquexia e linfadenomegalia periférica. A transmissão pode ocorrer tanto diretamente através do contato direto com o animal infectado ou indiretamente por fômites. O diagnóstico é feito com base no histórico clínico, achados epidemiológicos, mas é necessário o auxílio de exames complementares para confirmação do ácaro na pele do animal, sendo que entre esses o mais utilizado é o raspado cutâneo, a técnica consiste no corte dos pelos mais longos da área afetada, quando necessário, seguida de aplicação de óleo mineral na pele ou na lâmina de bisturi e raspagem no sentido do crescimento dos pelos para a coleta de material, esse será colocado em lâmina de vidro seguida de homogeneização e coberta com lamínula para exame direto ao microscópio. O tratamento é feito com acaricidas tópicos, banhos com xampu anti-seborréicos e acaricidas, medicamentos orais e/ou injetáveis parasiticidas, associados com antibióticos se acaso ocorrer infecções secundárias e corticoides para diminuir a intensidade do prurido quando se apresenta muito intenso, também como tratamento de suporte pode-se usar suplemento vitamínico para anorexia e animais debilitados. Os tratamentos de pele são em geral demorados e exige muita paciência e dedicação por parte dos proprietários, e quando não realizado de forma correta e pelo período correto o animal pode reinfectar-se. Recomenda-se também a terapêutica de todos os animais que vivem no mesmo ambiente, mesmo esses não apresentando os sinais compatíveis com os da sarna, tal como a descontaminação do local onde vivem esses animais. O prognóstico de animais acometidos com essa afecção é favorável, desde que o tratamento seja realizado de forma adequada. Conclui-se que, para haver a cura clínica dessa afecção deve ser feito um diagnóstico correto e rápido, seguido por um tratamento com medicamentos eficazes contra a parasitose, seguindo corretamente as recomendações do Médico Veterinário e respeitando o tempo devido da terapêutica.

Palavras-chave: Acaricida, cães, raspado cutâneo, *Sarcoptes scabiei*.

RS 002

Luma Silva Santos, Adrielle Pereira Valentim, Leyllynnay Oliveira Santos - Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Ísis Assis Braga - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

BARTONELOSE: UMA BREVE DESCRIÇÃO

A Bartonelose ou Doença da arranhadura do gato é uma doença infecto-contagiosa, causada pela bactéria do gênero *Bartonella sp.* estas são bactérias Gram negativas, flageladas, aeróbias e intracelular. O objetivo é realizar uma breve revisão de literatura sobre a enfermidade, ressaltando sobre a definição, epidemiologia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) bartonelose em gatos, (2) *bartonella sp.*, e (3) doença da arranhadura do gato. Os dados foram coletados no período de 16 de maio à 12 de junho do ano de 2018. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2008 a 2018. Embora exista diversas espécies de *Bartonella sp.* que podem infectar animais domésticos e humanos, a *Bartonella henselae* é a responsável por causar essa doença. As pulgas, carrapatos e mosquitos atuam como vetores, sendo as pulgas do gênero *Ctenocephalides felis* consideradas as principais transmissoras. Esta hemoparasitose pode acometer vários mamíferos, como os cães, coelhos e principalmente os gatos, a *Bartonella* atinge com maior frequência e gravidade animais jovens e idosos, tendo uma grande predisposição aos machos, por seus hábitos de caça e disputas por fêmeas ou territórios, sua transmissão para os felinos ocorre quando a bactéria presente principalmente nas fezes das pulgas entra na corrente sanguínea durante o repasto, e nos seres humanos acontece quando as fezes presente nas unhas dos gatos entram em contato com o sangue, devido a arranhaduras ou mordeduras. Após a transmissão, a bactéria lisa e invade os eritrócitos, induzindo uma bacteremia persistente porém assintomática na maioria dos gatos, portanto alguns podem apresentar febre, letargia, linfadenopatia regional, miocardite e estomatite (levando a um quadro de anorexia). Devido ao fato do animal poder permanecer em bacteremia persistente e assintomática, o diagnóstico é dificultado, e, ainda que a maioria dos animais infectados tenha sinais clínicos brandos, alguns desenvolvem infecção multissistêmica. No diagnóstico definitivo é feito o combinado de anamnese, histórico do paciente, exame físico, teste sorológico e hemograma. Quando diagnosticada, a bartonelose é tratada com tetraciclina e fluoroquinolonas, os medicamentos de eleição são: doxiciclina (5 a 10 mg/kg SID) até 8 semanas; enrofloxacina (5 a 10 mg/kg TID) até 4 semanas, mas em casos assintomáticos o animal pode ter a cura espontânea. Por se tratar de uma doença bacteriana que necessita de vetores para disseminação, a prevenção mais efetiva é controlar a presença de ectoparasitas, além de manter as unhas dos gatos aparadas e limpas. A bartonelose ainda é uma zoonose negligenciada, é de difícil diagnóstico em humanos por apresentar sintomas muitas vezes atípicos, e após a inoculação da bactéria na pele lesionada, pode ocorrer linfadenopatia regional, porém tem sinal clínico mais importante em humanos imunocomprometidos, não existe vacinas para a prevenção. Conclui-se que essa enfermidade pode causar grandes perdas aos animais por permanecer assintomática, e os proprietários e médicos veterinários requerem extrema atenção ao cuidar dos animais.

Palavras-chave: *Bartonella sp.*. Doença da arranhadura do gato. Zoonose.

Leyllynnay Oliveira Santos, Luma Silva Santos, Adrielle Pereira Valentim - Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros Unifimes- UNIFIMES.

LINFADENITE CASEOSA OVINA E CAPRINA: UMA BREVE REVISÃO

A linfadenite caseosa, é uma enfermidade infectocontagiosa de evolução crônica que acomete caprinos e ovinos. O objetivo deste, é realizar uma breve revisão de literatura sobre a enfermidade, ressaltando sobre a definição, epidemiologia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) linfadenite caseosa, (2) *Corynebacterium pseudotuberculosis*, e (3) Ovinos e Caprinos. Os dados foram coletados no período de 16 de maio à 12 de junho do ano de 2018. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2008 a 2018. A doença é causada pelo *Corynebacterium pseudotuberculosis*, que são bactérias Gram positivas, cocobacilos pequenos, ou filamentosos, anaeróbias facultativas, parasita intracelular facultativa, sendo bastante resistente no ambiente. Essa enfermidade está presente em todo o mundo à prevalência clínica da doença no Brasil varia de 5% a 50%, sendo considerada endêmica e sua transmissão ocorre por contato direto com as secreções dos abscessos ou com agulhas, aparelhos de tosquia, instalações, fômites, apresentando alta morbidade e baixa mortalidade. O ingresso do agente etiológico se dá através de feridas superficiais na pele ou na mucosa, em seguida é fagocitado por macrófagos no local de invasão, a parede celular da bactéria permite que o microrganismo resista à digestão pelas enzimas celulares e persista como um parasita intracelular facultativo no interior de fagócitos, ocorrendo à multiplicação intracelular, seguido de rompimento e morte celular. Esse processo é cíclico e os microrganismos se disseminam nos linfonodos superficiais principalmente os sub-ilíacos e cervical-superficial, podendo ser apresentadas clinicamente de duas maneiras: superficiais e viscerais, as quais acometem linfonodos palpáveis, sendo mais frequentemente e acometem os linfonodos viscerais, respectivamente. O diagnóstico se baseia no histórico, no exame clínico, onde se nota o abscesso de consistência firme a ligeiramente flutuante na região do linfonodo superficial, contendo exsudato na coloração amarelo-esverdeado. A confirmação da infecção requer cultivo em ágar sangue por 48 horas e identificação da bactéria, testes sorológicos como o teste de ELISA, bem como os achados de necropsia. O tratamento em linfonodos infartados com área de alopecia, deve se realizar uma incisão vertical com drenagem de todo o conteúdo purulento e colocação de solução de iodo a 2% para que haja cauterização. É indicado o isolamento dos animais doentes que apresentam lesão supurada e remover os abscessos, descartar os animais positivos do rebanho, já que são fontes de infecção, impedir que fêmeas positivas amamentem seus filhotes, haja visto o risco de transmissão pelo leite. A vacinação deve ser realizada aos três meses com reforço aos 30 dias e realizada anualmente. Conclui-se que a enfermidade pode causar grandes prejuízos na ovinocultura e caprinocultura, por ser de fácil transmissão entre o rebanho, entretanto o tratamento e controle são simples e de grande eficácia. Além do mais, por se tratar de uma zoonose ocupacional, resalta-se a necessidade cuidados e proteção por parte dos criadores, magarefes e médicos veterinários.

Palavras-chave: *Corynebacterium pseudotuberculosis*. Falsa tuberculose. Zoonose

RS 004

**Raiany Borges Duarte - Discente do curso de medicina veterinária da UNIFIMES.
Raquel Loren dos Reis Paludo e Gracielle Teles Pádua - Docentes do curso de medicina veterinária da UNIFIMES.**

RELATO DE CASO: HISTIOCITOMA CUTÂNEO CANINO

O Histiocitoma Cutâneo Canino (HCC) é um tumor de característica benigna, solitário e que geralmente sofre regressão espontânea. Mais comum em cães jovens com menos de 2 anos de idade, afetados preferencialmente na pua, face, cavidade oral e extremidades distais. É um tumor de difícil diferenciação somente pela apresentação clínica, pois se assemelha bastante com outros tipos de neoplasias de pele como plasmocitoma ou mastocitoma e infecções granulomatosas localizadas. Em suma, o prognóstico para cães com histiocitoma é favorável. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso clínico de HCC atendido no consultório veterinário da Unifimes no qual foi necessária a excisão cirúrgica. Uma cadela, sem raça definida, de pelagem marrom, pesando 9,700 kg, foi atendida no consultório veterinário do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), no qual a queixa principal relatada pela proprietária era uma ferida no membro pélvico esquerdo, medindo 2x3cm, que já estava presente quando a mesma a adotou, aproximadamente há três semanas. Segundo a tutora, o animal foi encontrado na rua e ela suspeitava ser uma ferida por brigas. Mencionou também que aplicou anticoncepcional injetável. Ao realizar o exame clínico foi verificado: temperatura retal de 38,6°C, nível de consciência alerta, escore corporal normal, frequência cardíaca 100 bpm e TPC de 2 segundos, frequência respiratória 100 mpm com percussão clara, as mucosas oral e ocular apresentavam-se rosa-claro, linfonodos poplíteos, submandibulares e pré-escapulares de tamanhos normais, normohidratada e, a lesão no membro pélvico esquerdo com aspecto úmido, edemaciado, ruborizado, e com alopecia. Em vista disto e dos relatos citados pela proprietária, foram solicitados os seguintes exames complementares, hemograma com pesquisa o qual revelou duas alterações no leucograma, linfocitose e uma monocitopenia relativamente baixas, e raspado cutâneo com resultado negativo. Diante dos resultados obtidos pelos exames solicitados acima, foi solicitado exame citopatológico através de PAAF (punção aspirativa por agulha fina) e imprint. Ao laudo citopatológico, na microscopia foram detectadas algumas alterações, como celularidade moderada na amostra; contaminação por hemácias; moderada presença de células neoplásicas redondas com núcleos redondos ou discretamente ovais; citoplasma amplo e claro, discretamente basofílico e densa cromatina. Notou-se também anisocitose e cariólises discretas, além de presença moderada de pequenos linfócitos diferenciados. Logo o diagnóstico citopatológico, foi histiocitoma. A princípio, de posse do diagnóstico, decidiu-se esperar pela regressão do tumor por tempo indeterminado, em vista que, a regressão desse tipo de neoplasia acontece de forma espontânea, porém, existem diferentes opções de tratamento que incluem, criocirurgia, eletrocirurgia e excisão cirúrgica. Após 33 dias de observação sem tratamento foi observado aumento e ulceração do tumor, apresentando odor desagradável. Em vista disto, o tratamento instituído foi a indicação para excisão cirúrgica do histiocitoma. A cirurgia foi realizada em uma clínica por um médico veterinário em Mineiros, onde ocorreu de maneira tranquila e segura e a paciente passa bem até o presente momento (9 meses pós cirurgia), sem indícios de recidiva. Conclui-se que apesar da neoplasia ser benigna e apresentar regressão espontânea em alguns casos é necessária a excisão cirúrgica.

PALAVRAS-CHAVES: Animais jovens; benigno; excisão; regressão.

RS 005

**Samara Moreira Felizarda - Discente do curso de Medicina veterinária da UNIFIMES.
Gracielle Teles Pádua - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

RELATO DE CASO: HÉRNIA PERINEAL

A hérnia perineal é uma doença comum em cães idosos que resulta do enfraquecimento e separação de um ou mais músculos e fâscias que formam o diafragma pélvico, região formada pelos músculos elevador do ânus, coccígeo, esfíncter anal interno e externo e fâscia perineal. É caracterizada pelo deslocamento caudal de estruturas abdominais e pélvicas para a região perineal. De acordo com autores estudados a causa desta fraqueza muscular ainda é desconhecida, mas alguns fatores podem ser considerados como: atrofia muscular neurogênica ou senil, miopatias, aumento de volume da próstata, alterações hormonais e/ou constipação crônica. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso clínico de hérnia perineal atendido no consultório veterinário da UNIFIMES no qual foi necessário procedimento cirúrgico. Um animal da espécie canina, macho, inteiro, sem raça definida, com nove anos de idade, pesando 4,450 kg, foi atendido no consultório veterinário da UNIFIMES apresentando de acordo com a proprietária, dificuldades para defecar há aproximadamente 15 dias e, quando conseguia suas fezes apresentavam consistência dura e este sentia dor, apetite diminuído, incontinência urinária e vômitos de cor amarelada. Foi relatado ainda que o animal foi vacinado e vermifugado, que ele tem acesso à rua e que normalmente se alimenta com ração a granel, frutas e verduras. Ao realizar o exame clínico, foi verificada temperatura retal de 39,8 °C caracterizando pirexia, visto que a temperatura foi aferida em dois momentos distintos da consulta e apresentava-se alta, nível de consciência alerta, escore corporal normal, frequência cardíaca 80 bpm e TPC de 2 segundos, frequência respiratória 84 mpm, mucosas ocular, oral e genital apresentavam-se róseas, o animal estava hidratado e foi observado a presença de ectoparasitas (carrapatos e pulgas). Apresentou abdômen rígido, aumento de volume abdominal na região intestinal, dor a palpação abdominal, além de urinar quando dá realização desta. Foi solicitado a realização de exame complementar ultrassonográfico visto que a suspeita clínica era fecaloma e/ou hérnia perineal. Neste exame foram verificados a vesícula urinária, próstata, rim esquerdo e direito, fígado, vesícula biliar, baço e estômago sendo que todos apresentaram-se dentro da normalidade de acordo com o laudo emitido pela médica veterinária, e foi confirmado hérnia perineal, sugerindo que havia sido provocado por fecaloma. Para o tratamento desta afecção recomenda-se o uso de estimulantes do peristaltismo intestinal, emolientes fecais e uma dieta composta por um alto teor de fibras, enemas periódicos parafinados ou não, ou ainda evacuação manual do reto, e em estágio avançado pode ser necessário procedimento cirúrgico. No caso relatado o animal recebeu tratamento sintomático de suporte e foi encaminhado para procedimento cirúrgico em uma clínica veterinária de Mineiros. Este retornou após a retirada dos pontos e na realização do exame clínico não apresentou nada digno de nota e foi relatado pela proprietária que ele se recuperava bem, mas ainda fazia uso de medicação. Conclui-se que a intervenção cirúrgica mesmo não sendo o tratamento de eleição para hérnia perineal em alguns casos é necessária.

Palavras chave: Cão, intervenção cirúrgica, fecaloma, ultrassonografia.

RS 006

**Samara Martins Calegari, Murilo Resende Silva, João Marcelo Carvalho do Carmo - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Gracielle Teles Pádua - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

REVISÃO SOBRE GRIPE AVIÁRIA

A gripe aviária, conhecida também por gripe do frango ou gripe das aves é uma disfunção orgânica ocasionada por uma variedade do vírus Influenza tendo como hospedeiro as aves. O objetivo deste resumo é realizar uma breve revisão de literatura sobre a enfermidade, ressaltando sobre a definição, epidemiologia, formas de transmissão, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) e artigos publicados no período de 2009 a 2016. A gripe aviária é causada pelo vírus *Influenza H5N1*, da família *Orthomyxoviridae*. Existem 15 subtipos do vírus Influenza que são responsáveis por grandes epidemias e pandemias. O mesmo está distribuído por todo o mundo desde 1959. Caracterizada como uma doença zoonótica, em Hong Kong, no ano de 1997 houve o primeiro acometimento e morte de humanos com o vírus de origem aviária. Os principais transmissores da gripe aviária são as aves silvestres, especificamente as aquáticas que disseminam e contaminam, durante a migração, as aves domésticas e de cativeiros, que podem ter contato com secreções de aves migratórias positivas e passar para os plantéis industriais. Além disso, tanto aves quanto seres humanos podem se infectar por inalação ou ingestão do vírus presente nas fezes e secreções das aves contaminadas através de tosse, espirro e corrimento nasal, água de bebedouros, terra onde são depositadas as fezes, roupas, equipamentos, pés de roedores contaminados e também os ovos nas granjas que podem ser fontes de infestação já que o vírus pode ficar de 3 a 4 dias na casca dos ovos postos por aves contaminadas. As manifestações clínicas, tanto em humanos quanto em aves, variam de infecção assintomática e doença leve do trato respiratório superior a pneumonia grave e falência múltipla de órgãos. Febre é a queixa de apresentação de todos os pacientes. Sintomas iniciais incluem também cefaleia, fadiga, mialgia, odinofagia, tosse e coriza. O diagnóstico pode ser feito através de radiografia de tórax e exame laboratorial dos vírus influenza (habitualmente é realizado por meio de imunofluorescência indireta em amostras de secreção nasofaríngea), no entanto, ambos os métodos não diferenciam os subtipos do vírus influenza. O exame de PCR tem uma boa sensibilidade, mas apresenta custo elevado e requer equipamentos especializados e treinamento adequado. A cultura é considerada o método mais indicado, porém requer 2-10 dias para o crescimento viral e pode somente ser realizado em laboratórios especializados. O tratamento com oseltamivir está recomendado para todos os casos suspeitos de gripe aviária humana até 3 dias após o início dos sintomas. As primeiras vacinas contra a gripe aviária começaram a ser produzidas, mas ainda não estão disponíveis para o público. Sendo assim, esforços para controlar surtos em aves domésticas e o contato entre seres humanos e tais aves devem ser a prioridade em saúde pública. Deve-se priorizar a informação em relação a doença pois, apesar de ainda não haver casos relatados no Brasil, essas medidas poderão evitar futuras manifestações e graves prejuízos econômicos no setor aviário.

Palavras-chave: Vírus; Epidemia; Aves; Zoonótica.

**João Marcelo Carvalho do Carmo, Samara Martins Calegari, Murilo Resende Silva - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Rodrigo Martins Ribeiro, Debora da Silva Freitas Ribeiro - Docentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

ANÁLISE DE CASOS DE TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL NO CONSULTÓRIO VETERINÁRIO-UNIFIMES DURANTE O ANO DE 2017 ATÉ PRIMEIRO SEMESTRE DE 2018

O Tumor Venéreo Transmissível (TVT) é definido como um tumor de células redondas de origem incerta, que afeta ambos os sexos, por transplante de células neoplásicas, transmitido principalmente por contato sexual, lambedura, arranhadura ou contato direto com o tumor. Objetivou-se com este trabalho reunir casos desta neoplasia no consultório veterinário do Centro Universitário de Mineiros através de prontuários de pacientes diagnosticados com TVT no período entre o ano de 2017 e o primeiro semestre de 2018. Durante o período estudado foram obtidos o total de 17 casos. Em relação ao sexo houve maior incidência em fêmeas com 14 casos (82,3%). A faixa etária mais acometida foi de 1 ano com 5 casos (29,4%), seguido de 2 e 5 anos ambos com 3 casos (17,6%), 4 anos com 2 casos (11,7%), 3, 7 e 8 anos com 1 caso cada (5,88%) e idade não informada com 1 caso (5,88%). No quesito raça predominou-se os cães sem raça definida com 11 casos (64,70%). A transmissão geralmente ocorre pelo contato sexual entre cães, com implantação de células na mucosa genital lesionada. Entretanto, a esfoliação de células tumorais pode acontecer também durante contatos sociais eventuais (como por exemplo, os hábitos de lambedura e/ou mordedura), o que explica o aparecimento de lesões extragenitais. Não houve nenhum caso de ocorrência de lesões extragenitais no período estudado, sendo 100% dos casos com lesões genitais. O diagnóstico foi realizado por meio dos achados clínicos, confirmado através de exame citológico caracterizado por ser um método rápido, confiável e de baixo custo. O tratamento mais efetivo, até o momento, tem sido o tratamento quimioterápico, tendo a administração do sulfato de vincristina diluído em solução fisiológica como fármaco de escolha. Nos pacientes diagnosticados obteve-se cura em 4 casos (23,52%), a maior parte dos casos não iniciaram o tratamento (47,05%) e 5 casos (29,41%) ainda não finalizaram o tratamento. O TVT é uma neoplasia que acomete caninos sem predileção racial e sexual, mas o número de casos no consultório na faixa etária de 1 ano apresentou elevada frequência, o que pode ser explicado por uma maior atividade sexual em cães jovens. Contudo é um tumor com critério de malignidade baixo, havendo tratamento eficaz com quimioterápicos, sendo menos agressiva e invasiva que a rescisão cirúrgica.

Palavras-chave: Cães. Neoplasia. Citológico. Diagnóstico. Tratamento.

RS 008

Ana Clara de Rezende Araújo, Janslline Madureira Dias - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

José Tiago das Neves Neto - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

AFECÇÕES PODAIS BOVINAS

As afecções podais bovinas são a terceira maior causa de descarte involuntário de vacas leiteiras, em todo o mundo. São relacionadas, diretamente, à perdas econômicas como: redução da vida útil do animal, diminuição da produção leiteira e fertilidade além de, custos com tratamento. Observando a anatomia do casco bovino faz-se notável: a sua pequena área de apoio sobre o solo, reduzida capacidade de amortecimento e o peso excessivo desses animais. Para entender melhor as causas das afecções podais e, suas formas de prevenção é fundamental conhecer a constituição do casco bovino: cada casco é constituído por duas úngulas principais constituídas por uma parede ou muralha, sola, talão e, por duas úngulas acessórias. A linha branca, localizada na região palmar ou plantar e entre a muralha e a sola, é o tecido mais mole do casco em virtude disso lesões na linha branca favorecem o estabelecimento de doenças infecciosas, uma vez que é uma região susceptível a lesões. Como principais causas das afecções podais bovinas, pode-se destacar: genética, ambiente, nutrição. Sanidade e instalações são triviais no controle destas afecções podais. Afim de detectar o quanto antes e, reduzir a perdas econômicas por afecções podais foi criado o Escore de Claudicação, o qual auxilia na detecção precoce de desordens no casco e, evita, o agravamento das lesões. É analisado e classificado, de acordo com a linha de dorso e apoio do membro afetado podendo variar de 1 a 5 sendo: 1- linha de dorso reta e sem defesa do membro afetado e, 5- linha de dorso arqueada e há recusa do animal em apoiar sobre o membro afetado. Podem ser destacadas como principais enfermidades do casco bovino: laminite, dermatite interdigital, úlcera de sola, doença da linha branca, erosão de talão, flegmão digital. De forma geral, os tratamentos irão englobar: administração de antibióticos, corte curativo, limpeza geral do casco, correção da dieta e, redistribuição do peso. O uso de pedilúvios é uma das técnicas eficazes no controle das afecções podais, e de fácil utilização, sendo que os principais produtos indicados são: formol, sulfato de cobre, sulfato de zinco. Sendo assim, essas lesões podais não podem ser negligenciadas por afetarem o bem estar animal e sua produtividade.

Palavras-Chaves: Afecções Podais. Bovinos. Produtividade

RS 009

Ana Clara de Rezende Araújo, Murilo Resende Silva - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

José Tiago das Neves Neto - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

BOAS PRÁTICAS DE VACINAÇÃO EM BOVINOS

O efetivo de bovinos do Brasil de acordo com dados do IBGE (2016) é de aproximadamente 218,23 milhões de cabeças sendo o sistema agroindustrial da pecuária é uma das atividades mais importantes do agronegócio nacional, em 2015, representou 6,82% do PIB brasileiro. Segundo dados do IBGE, no primeiro trimestre de 2017: 7,37 milhões de cabeças, de bovinos, foram abatidas sob algum tipo de inspeção sanitária. Tais fatores tornam o Brasil o maior exportador de carne bovina, respondendo à 19.3% da produção global. Esse patamar só pode ser atingido devido à rigorosa e frequente vigilância de algumas doenças de impacto econômico, podendo ser citada como exemplo a Febre Aftosa. Embora não possua alta mortalidade, é uma doença viral de fácil e rápida disseminação podendo ser considerada de alta relevância do ponto de vista econômico. A transmissão pode ocorrer de forma direta por aerossóis, de forma indireta através da água e alimentos contaminados ou ainda por fezes e sêmen contaminados. Os primeiros casos, relatados da doença, no país se deram no ano de 1895 período em que houve uma grande importação de bovinos de raças europeias e o surgimento da indústria de carnes e derivados, somente, em 1950 foram instituídas normas de profilaxia para a doença. A utilização de vacinas e medicamentos desde então, tem se mostrado primordial a fim de prevenir e combater doenças em bovinos. Entretanto, a utilização de vacinas pode desencadear lesões nos animais, provenientes da resposta inflamatória ou até mesmo manejos inadequados, de importante impacto econômico. Todo esse cenário traduz então na importância de solucionar essa problemática afim de aumentar a eficiência produtiva da carne. As boas práticas de vacinação têm sido adotadas afim de minimizar acidentes, abscessos vacinais e, conseqüentemente, perdas econômicas. De acordo com o manual de boas práticas de vacinação da UNESP, os animais devem ser vacinados em tronco individual, que permita acesso ao pescoço minimizando acidentes entre funcionários e animais. Seringas e agulhas devem passar por uma breve inspeção, antes de serem utilizadas, verificando se estão em boas condições para o trabalho e devidamente limpas. A vacina é administrada por via subcutânea, onde o conjunto agulha e seringa devem ser posicionados paralelos ao animal. As agulhas devem ser estéreis de dimensões 10x15, 10x18, ou 15x15 e devem ser trocadas a cada dez animais. O conjunto: boas práticas de vacinação, manejo racional, mão de obra qualificada, cuidados básicos com equipamentos e vacina garantem a redução dos impactos negativos da vacina. A crescente e constante pressão do mercado mundial exige que, cada vez mais, os erros sejam mínimos ou inexistentes e, a persistência constante de abscessos e lesões supuradas evidencia um atraso na cadeia produtiva do mercado de corte. Portanto, para atender a crescente demanda do mercado mundial por carne de qualidade, faz-se necessário a melhoria nos manejos de vacinação afim de reduzir esses prejuízos, que afetam desde o produtor até o consumidor final.

Palavras Chaves: Febre Aftosa. Produtividade. Vacinação.

PRODUÇÃO *IN VITRO* DE EMBRIÕES BOVINOS

Dentre as biotecnologias aplicadas ao melhoramento genético animal a produção *in vitro* (PIV) de embriões bovinos é classificada como de terceira geração. De acordo com dados da Associação Brasileira de Criadores de Zebuínos (ABCZ), atualmente, o Brasil é considerado o maior produtor mundial de embriões fertilizados *in vitro*, com produção de 85% do mercado internacional, sendo consideradas todas as raças. Esta biotecnologia tem como principal objetivo: potencializar e otimizar o número de bezerros geneticamente superiores e, conseqüentemente, aumento do número de bezerros/vaca/ano. No que se diz respeito a rebanhos leiteiros, pode-se destacar como principais benefícios: acréscimo na qualidade genética, mudanças na característica do rebanho, otimiza a utilização de sêmen diluindo o seu custo, diminui o intervalo entre gerações. A seleção das doadoras requer grande cautela, visto que estas serão escolhidas de acordo com: valor genético, condição corporal e hormonal, estrutura anatômica, presença de ecto e endoparasitas e, devem estar livres de doenças ou anomalias no trato reprodutivo; o mesmo é válido para receptoras, dispensando que sejam de alto valor genético. A produção *in vitro* de embriões é dividida nas seguintes fases: 1- Aspiração Folicular: realizada, principalmente, guiada por ultrassonografia (*ovum pick up*- OPU). Após esses citos serem recuperados serão lavados, selecionados, classificados e colocados em criotubos gaseificados, ambiente propício e responsável por desencadear a próxima fase; 2- Maturação *in vitro*: esta englobará alterações nucleares, citoplasmáticas e moleculares responsáveis pela capacitação do oócito afim de desenvolver todo o seu potencial, após a fecundação; 3- Fertilização *in vitro*: acontece em meio específico onde os oócitos, após a sua maturação, serão cultivados com os espermatozoides. A detecção do zigoto é feita através da presença de dois pró-núcleos sendo que, a ausência destes é um indicativo de não fertilização; 4- Cultivo *in vitro*: 24 horas após a fecundação esses zigotos serão lavados e transferidos para uma placa com meio de cultivo, onde permanecerão em condições rigorosamente controladas para que as divisões celulares ocorram obedecendo a seguinte sequência: duas células, quatro células, oito células, dezesseis células, mórula inicial, mórula compacta, blastocisto inicial (Bi), blastocisto expandido (Bx), blastocisto eclodido (Bl). No D3 de cultivo faz-se a taxa de fecundação, ao final da fase embrionária, esses embriões serão classificados e, somente, no D7 esses embriões serão envasados, individualmente, em palhetas e transferidos nas vacas receptoras. Sendo assim, a produção *in vitro* de embriões bovinos é uma biotecnologia a qual tem como meta acelerar a produção de animais geneticamente superiores e que, cada vez mais, vem ganhando espaço no agronegócio.

Palavras-Chaves: Biotecnologia. Embriões. Produção *in Vitro*.

RS 011

**Jossayne Cajueiro Sobrinho e Isaac Felipe Rocha Horta - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Gracielle Teles Pádua - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

UTILIZAÇÃO DE TESTE RÁPIDO DE PARVOVIROSE CANINA - RELATO DE CASO

Parvovirose canina (CPV) é uma doença severa e altamente contagiosa que afeta principalmente filhotes de cães com menos de cinco meses. Com alta incidência no meio urbano, clínicas ou mesmo laboratórios, optam por testes rápidos que são utilizados quando é necessário uma comprovação imediata. Estes são realizados através de imunoensaio cromatográfico com a finalidade de detecção qualitativa do antígeno do parvovírus. O objetivo desse trabalho é relatar a vantagem da utilização do teste rápido, facilitando o diagnóstico da parvovirose, com o intuito de contribuir com o tratamento precoce. Foram atendidos no consultório veterinário do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) dois animais, os quais apresentaram resultado positivo na realização do teste rápido de parvovirose canina. Sendo o primeiro animal, um macho da raça labrador, de aproximadamente 60 dias de idade com pelagem branca e com peso de 4,350kg, e o segundo animal uma fêmea da espécie canina sem raça definida de 72 dias de idade com pelagem preta e peso de 10kg. A queixa principal relatada pelos proprietários em ambos casos foi de que os animais apresentavam-se prostrados, apáticos, com falta de apetite, sialorréia e diarreia a 4 dias. Também foi relatado que o macho havia tomado a primeira dose da vacina polivalente a um mês e que a fêmea nunca havia sido vacinada. Na realização do exame físico foi verificado que o macho estava apresentando: nível de consciência deprimido, escore corporal magro, frequência cardíaca de 56 bpm, pulso fraco, frequência respiratória de 24 mpm, TPC de 3 segundos, mucosas oral e ocular rosa claro, linfonodos poplíteos, submandibulares e axilares de tamanhos normais, com 5% de desidratação, presença de ectoparasita (carrapato), secreção ocular e nasal, dor a palpação abdominal e temperatura retal de 38,1 °C, enquanto a fêmea não apresentou nenhuma alteração significativa na realização do exame físico e todos os parâmetros dentro da normalidade. Em vista do relato dos proprietários e da realização do exame clínico, foi realizado o teste rápido imunocromatográfico para parvovirose canina da Alere, onde nos dois casos o resultado foi positivo. Para a realização do teste foi inserido um swab na área anal dos animais, este foi colocado no tubo contendo tampão diluente e agitado por dez segundos. Após três minutos o sobrenadante foi coletado com pipeta e colocou-se quatro gotas, vagarosamente no teste rápido. Posteriormente aguardou-se dez minutos para fazer a leitura do resultado. Todos estes componentes fazem parte do kit da Alere. Esse teste possui 100% de sensibilidade e 98,8% de especificidade. De posse do resultado dos testes, os animais foram encaminhados para a internação em clínica veterinária visto a impossibilidade de internação no consultório veterinário da UNIFIMES. Concluímos que o teste rápido é de segurança, rapidez e confiabilidade no diagnóstico de parvovirose canina, além de ser prático, fácil de usar e possibilitar o estabelecimento do tratamento precoce.

Palavra-chave: Alere, especificidade, imunocromatográfico.

RS 012

Hellen Lopes Silva e Laura Fernandes Santos - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

Lara Giovana Diniz - Médica veterinária e responsável técnica da FELEOS.

José Tiago das Neves Neto - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

MACERAÇÃO FETAL EM BOVINOS: RELATO DE CASO

A maceração fetal pode ser resultado da infecção de um patógeno, causando um processo séptico. Na maioria das vezes o *Trichomonas foetus*, *Vibrio foetus* e a Leptospirose podem levar a morte fetal devido à infecção ou causando a maceração. Ocorre em qualquer período gestacional. A maceração requer a presença de microrganismos no útero, quando, a morte fetal não é acompanhada de sua expulsão. Esses podem ser os que causaram a morte fetal ou a putrefação. Ocorrem endometrite e piometra, independente da abertura da cérvix. Ocorre à liquefação dos tecidos moles, os ossos fetais resistem à maceração permanecendo no lúmen uterino. Esse processo patológico caracteriza-se pela presença de estruturas ósseas no útero e exsudato de odor fétido, com presença de bactérias. Este trabalho apresenta o relato de caso de um feto bovino macerado retirado cirurgicamente na Fazenda Experimental Luís Eduardo Oliveira Salles, teve como objetivo descrever macroscopicamente todas as alterações encontradas no aparelho reprodutivo da fêmea e do feto macerado. Objetiva-se descrever todas as alterações macroscópicas dignas de nota, encontradas no aparelho reprodutivo de uma fêmea bovina e do feto bovino macerado retirado cirurgicamente na Fazenda Experimental Luís Eduardo Oliveira Salles. Na palpação retal, identificou-se a presença de uma massa de consistência firme, disforme, presente nos cornos e no corpo do útero, devido o mesmo ter recuperado seu tônus muscular. Foi realizado o tratamento hormonal de indução de parto, sem sucesso, posteriormente foi realizada cirurgia para retirada do feto, porém, após abertura do útero, constatou-se apenas a presença de ossos e restos de feto macerado, sendo estes achados significativos corroboraram com o diagnóstico clínico via palpação retal. Foi possível a retirada parcial dos ossos. Após a cirurgia de retirada dos restos fetais, a fêmea bovina veio a óbito. Em exame de necropsia do aparelho reprodutor, foi realizada a secção do útero e da cérvix, com auxílio de tesouras e bisturi, para exame interno. No interior do útero pode constatar um conjunto de estruturas ósseas espalhadas por todos os cornos e corpo uterino, sem presença de qualquer tipo de outros órgãos ou tecidos e apresentava odor pútrido. Concluiu-se conforme as alterações observadas macroscopicamente que a enfermidade do animal foi um processo de maceração fetal.

Palavras-Chaves: Maceração fetal; Necropsia; Aborto.

RS 013

Hellen Lopes Silva - Discente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

José Tiago das Neves Neto - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

CONTROLE BIOLÓGICO ALTERNATIVO PARA PARASITAS

A fitoterapia veterinária tem como objetivo colocar em prática tratamentos com medicações à base de plantas sendo que esta técnica inclui algumas vantagens, é menos tóxica, tem várias formas de administração, baixo custo, e de fácil disponibilidade. Devido a grande aquisição de resistência dos parasitas por diferentes princípios ativos e resíduos nos alimentos e solo, estuda-se um novo método de controle racional e seguro, a base de ingredientes naturais, onde não deixam resíduos nos alimentos, nem no ambiente. O *Azadirachta indica* (nim) tem seu centro de origem no sudeste da Ásia e devido a sua adaptação é muito comum na África tropical e subtropical, sendo encontrada também na Austrália e América. Possui propriedades inseticidas, antifúngicas e antibacterianas, que afeta o desenvolvimento dos parasitas, provoca a inibição alimentar nos insetos, redução da motilidade intestinal, interferência na síntese de energia, inibição da biossíntese da quitina, deformações em pupas e adultos, redução na fecundidade, longevidade, esterilização, inibição na oviposição e mortalidade de formas imaturas e adultas. Geralmente se usa o “nim” em pó, que é proveniente das folhas após ser levada a estufa, onde são desidrata e logo depois de triturada, é misturada a ração concentrada, ou mesmo no sal mineral. O *Allium sativum* (alho), é originário de clima temperado, porém cultivada em todo o mundo, tem propriedades antivirais, antifúngica, antiparasitária, estimulante de apetite, possui diversas vitaminas, tais como: A, B2, B6, C, aminoácidos, ferro, silício, iodo, enzimas e a alicina, que leva os parasitas a morte. Na forma de insumo animal (alho em pó ou desidratado) é consumido pelo gado através da ração ou junto com sais minerais, possuindo efeito antiparasitário. Geralmente é oferecido em pó, não apresenta riscos de contaminação pelo uso frequente, podendo ser usado tanto para o gado de corte como o gado leiteiro, sem deixar vestígios ou resíduos no leite ou na carne. O controle biológico é sustentável e seguro, não oferece riscos nem para o animal, nem para o aplicador, tem baixo custo e é facilmente encontrado na natureza, não deixa resíduo nos produtos de origem animal.

Palavras-Chaves: Fitoterápicos; Medicamentos alternativos; Parasitologia.

RS 014

**Murilo Resende Silva, Samara Martins Calegari e João Marcelo Carvalho do Carmo -
Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Rodrigo Martins Ribeiro - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

ATRESIA ANAL EM BOVINO – RELATO DE CASO

A atresia anal é uma malformação congênita que pode ter manifestações clínicas em vários animais. O objetivo desse trabalho foi relatar um caso de atresia anal em um neonato da raça Nelore localizado na cidade de Mineiros que foi submetido a cirurgia. Um bezerro, fêmea, com 2 dias de idade, pesando 33 kg, foi encaminhado para atendimento na UNIFIMES com queixa principal de ausência do ânus, observada logo após o nascimento, os sintomas observados foram tenesmo, ausência de fezes, ausência de abertura visível do ânus e distensão abdominal. No exame físico o animal apresentava parâmetros fisiológicos considerados normais, frequência cardíaca de 90 batimentos por minuto, temperatura de 39°C e com a frequência respiratória de 44 movimentos por minuto, notou-se que o animal não apresentava o ânus, fossa anal e união da bolsa escrotal, sendo encaminhado para cirurgia de correção de atresia anal. Optando-se pela sedação com o uso de xilazina a 2% na dose de 0,1 mg/kg por via intravenosa, e pelo uso de anestesia epidural, entre a porção das vértebras coccígeas C1 e C2, utilizando lidocaína à 2%, no volume de 0,5 ml. O animal foi posicionado em decúbito lateral e a cauda foi deslocada dorsalmente para melhorar a visualização do local da incisão. A incisão foi realizada em "X", em ato contínuo realizou-se divisão da musculatura do ânus com tesoura ponta romba e após a avaliação do local, foi constatado que o animal não apresentava a ampola retal na região pélvica, podendo ser caracterizado como uma atresia anal do tipo III, no tipo III o reto apresenta uma bolsa cega cranialmente dentro do canal pélvico, impossibilitando a correção cirúrgica, sendo decidido pela eutanásia do animal. Após o óbito, o animal foi congelado para posterior realização de necropsia. Nos achados necroscópicos, o cadáver apresentava bom estado nutricional, incisão cirúrgica na região equivalente à posição do ânus e aumento de volume do coto umbilical com espessamento e presença de consistência firme, com característica de processo inflamatório. Internamente, na cavidade peritoneal observou-se moderada quantidade de conteúdo sanguinolento contendo coágulo do tipo cruórico, notou-se também alterações nos rins e bexiga, onde os rins se apresentavam superfícies discretamente avermelhadas, ao corte dos dois antímeros, as regiões córtico-medulares e medulares apresentavam tonalidade levemente avermelhada, na bexiga foi encontrada distendida, com conteúdo sanguinolento, com volume de aproximadamente 250 mililitros. nas alças intestinais não foi observado presença de aderência, sendo constatado aumento de volume, com conteúdo firme na porção do reto, e ausência da porção caudal, especificamente intrapélvica da ampola retal. Nos outros órgãos não foram encontradas alterações. Diante do caso e com o que a literatura relata sobre atresia anal, observa-se que o procedimento cirúrgico de correção é relativamente simples, porém as complicações e os riscos relacionados à idade do paciente juntamente com o pós-operatório são grandes. Por fim, conclui-se que o animal apresentava um quadro de atresia anal do tipo III, com ausência de ampola retal, inviabilizando a correção cirúrgica.

Palavras chaves: cirurgia, malformação, neonato.

RS 015

**Eliz Franco de Oliveira e Ana Julia de Almeida Martins - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

FALHAS VACINAIS: UMA ABORDAGEM SOBRE OS PONTOS CRÍTICOS DA VACINAÇÃO

A vacinação é de grande importância para que se possa ter um animal protegido contra diversos tipos de patógenos. A mesma compreende na aplicação de pequenas doses de antígenos, estando eles atenuados ou mortos, em partes ou de forma inteira, que visam o estímulo à produção de anticorpos contra agentes infecciosos. Porém mesmo ocorrendo essa utilização, e até mesmo cumprindo vigorosamente os calendários profiláticos, muitos são os fatores que devem ser levados em consideração que acabam por ocasionar a falha na vacinação. O objetivo deste, é realizar uma breve revisão de literatura sobre as possíveis causas de falhas vacinais em animais, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) Falha Vacinal, (2) Vacinação, e (3) Imunização. Os dados foram coletados no período de 21 de maio à 12 de junho do ano de 2018. O primeiro fator está relacionado ao próprio animal, que em certas situações não respondem aquele antígeno, são casos como: interferência de anticorpos maternos que acabam por bloquear uma imunização adequada, a idade do animal estando de idade avançada ou muito jovem, cadelas/gatas gestantes que podem apresentar sintomas como alergia podendo afetar os fetos ou até mesmo à evolução para um aborto, estresse, hipertermia, hipotermia, debilidade, má nutrição e imunodeficiências como anemia, leucemia, câncer, infecções, diabetes, lúpus, entre outros. O manuseio inadequado das vacinas também pode comprometer a eficácia da imunização, sendo levado em consideração aspectos como a conservação das mesmas que devem ser armazenadas em temperaturas que variam de 2°C a 8°C, do mesmo modo que necessitam ser sempre aplicadas por profissionais treinados em exercer essa função. A mudança constante que pode ocorrer nos genes de determinados antígenos é outro ponto preocupante que pode ocasionar a falha na vacinação, sendo necessário acompanhar essas mutações e fazer a adequação nas devidas vacinas. Outro fator a ser observado está relacionado ao papel do homem na validação da imunização esperada, que em diversas situações os donos dos animais não cumprem o tempo estipulado pelos médicos veterinários para saírem com seus animais de estimação recém vacinados, havendo assim a exposição a doenças, como aquela que os mesmos haviam sido imunizados, levando então a sua possível infecção pela não formação de uma resposta imunológica contra o patógeno. Outro exemplo que ocorre a falha na vacinação pelo homem é pela omissão dos reforços vacinais os quais visam estimular e garantir que haja a formação de anticorpos contra determinado patógeno. Diante dos fatos citados, é de extrema necessidade e relevância que todos os cuidados, sendo eles referentes a situação do animal na hora da vacinação, como a responsabilidade do dono do animal mediante a aplicação, e o cuidado com o manuseio das vacinas, sejam também visualizados e atentados para que programas de vacinação obtenham o sucesso esperado para o bem-estar do animal assim como para a segurança da sociedade com imunizações contra zoonoses.

Palavras-chave: Erro na vacinação. Imunização. Vacina.

RS 016

**Murilo Resende Silva, Samara Martins Calegari e João Marcelo Carvalho do Carmo -
Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES
Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

MEDIDAS DE CONTROLE E TRATAMENTO DA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA – REVISÃO DE LITERATURA

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) é considerada uma doença de saúde pública, que está em franco crescimento no país. O objetivo deste resumo, é realizar uma breve revisão de literatura sobre as medidas de controle e tratamentos da Leishmaniose Visceral Canina, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) Leishmaniose Canina, (2) *Leishmania chagasi*, e (3) *Lutzomyia longipalpis*. Os dados foram coletados no período de 20 de maio à 23 de junho do ano de 2018. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2012 a 2018. A LVC é uma doença parasitária transmitida por um inseto vetor, principalmente pelo *Lutzomyia longipalpis* ou popularmente conhecido como mosquito palha. Os sintomas mais observados em cães parasitados pelo protozoário do gênero *Leishmania* são dificuldade locomotora, perda de peso, polidipsia, apatia, anorexia, vômito, diarreia, polifagia, epistaxe e melena. Dentre os achados de exame físico, merecem destaque a linfadenomegalia, caquexia, hipertermia, esplenomegalia, uveíte e conjuntivite. O melhor procedimento para controle é a prevenção, evitando o contato do vetor com o hospedeiro para isso deve-se manter o ambiente sempre limpo, fazer exames periódicos, utilizar telas de malha fina em janelas e portas, colocar coleiras impregnadas com piretróides nos cães, aplicar repelentes à base de piretróides em todo corpo do animal, quando não for possível evitar a exposição deste ao ambiente externo após às 17 horas e utilizando de imunoprofilaxia através da vacinação com a vacina anti-LVC, somente com a constatação de que o animal não esteja infectado, toda via as vacinas são e sempre foram ferramentas de prevenção, não há nada que comprove e nem que licencie seu uso como tratamento. Dessa forma o tratamento da LVC, se considerado de modo isolado, não seria um risco a saúde humana. Porém, a Leishmaniose Visceral é também uma zoonose e a presença do vetor permite a transmissão de um cão infectado para outros animais ou até mesmo para o ser humano. Para o tratamento da LVC é indicado o uso do medicamento Milteforan®, sendo que este não inviabiliza a Portaria Interministerial nº 1426/2008 que proíbe o tratamento da leishmaniose visceral em cães infectados ou doentes, com produtos de uso humano ou produtos não-registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), pois é um medicamento de uso veterinário. Cães infectados com a LVC que não estejam fazendo o tratamento com uso exclusivo do Milteforan® recomenda-se a eutanásia, como forma de prevenir a infecção de seres humanos e outros animais saudáveis, pois este medicamento reduz a carga parasitária permitindo a cura clínica. Sendo assim o animal deverá fazer acompanhamento periódico com médico veterinário responsável, pois pode haver reincidência, pois este medicamento não causa a cura parasitológica.

Palavras-chave: imunoprofilaxia, *Leishmania chagasi*, *Lutzomyia longipalpis*

RS 017

Dâmaris de Sousa Sant' Ana e Lucas Silva Saldanha - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Rodrigo Martins Ribeiro e Debora da Silva Freitas Ribeiro (Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL: RELATO DE CASO

O tumor venéreo transmissível (TVT) caracteriza-se como uma neoplasia de células redondas, de origem mesenquimatosa, também denominado de Linfossarcoma de Sticker. Ocorre principalmente nas superfícies da mucosa da genitália externa, a disseminação ocorre por contato sexual ou por transplante direto de célula neoplásica. Ainda, podemos encontrar formações primárias na pele e nas mucosas oral e anal, com menor frequência. As metástases são raras, mas podem ocorrer nos linfonodos, no sistema nervoso central, no baço, no fígado e no rim. O TVT é uma afecção contagiosa, cosmopolita, tendo alta prevalência no Brasil, em regiões onde existem grandes concentrações de cães errantes. O diagnóstico é baseado no aspecto clínico e nos exames complementares, como a citologia ou o histopatológico. O TVT deve ser diferenciado de outras neoplasias de células redondas como os mastocitomas, linfomas ou histiocitomas. O objetivo deste trabalho é o relato do tratamento convencional do TVT com sulfato de vincristina, em uma cadela com acometimento vaginal. **RELATO DE CASO:** uma cadela, adulta, da raça PittBull, pesando 16,6kg, não castrada, deu entrada no Consultório Veterinário da UNIFIMES, apresentando sangramento vaginal desde o cio. Na anamnese, o proprietário relatou anorexia, perda de peso, animal domiciliada, porém com acesso à rua. Relatou uso de injeções intramusculares de penicilina. Durante a realização do exame físico foi observado uma formação vaginal com aspecto pedunculado, de aproximadamente 5 cm de diâmetro, com coloração avermelhada e de consistência firme, que sangrava intensamente. Para o diagnóstico foi realizado citologia com swab estéril, as lâminas foram identificadas e fixadas com metanol e posteriormente foram coradas pelo método de rotina. Notou-se material com inúmeras células redondas e ovais, com bordos citoplasmáticos bem delimitados. O núcleo, também redondo, excêntrico, de tamanho variável, com cromatina grosseiramente granular e com um ou dois nucléolos proeminentes. Estas células apresentavam relação núcleo:citoplasma relativamente alta. Observou-se citoplasma discretamente basofílico e com múltiplos vacúolos, pequenos e claros, que geralmente acompanham o bordo celular. Presença de figuras mitóticas e células inflamatórias também foram encontradas, confirmando o diagnóstico de TVT. Foi realizado hemograma do animal para averiguar se estava apto a começar a quimioterapia. A terapia de escolha foi o sulfato de vincristina, na dose de 0,025mg/kg a cada 7dias. Totalizou-se seis sessões quimioterápicas, onde a regressão tumoral foi visível em cada aplicação. Após a regressão total tumoral, o animal teve alta médica. O tratamento mais indicado é a quimioterapia, tendo um ótimo resultado. Para prevenção deve-se fazer um trabalho de orientação à população quanto ao risco de animais que ficam soltos na rua adquirirem a neoplasia, pelo contato com cães errantes portadores da neoplasia.

Palavras-chave: tumor de Célula Redonda, TVT, antineoplásico.

RS 018

Iana Vilela Resende, Ludmyla Marques Campbell, Dáfne Matias Carrijo e Yanka Rodrigues Alves - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Ísis Assis Braga e Karla Irigaray Nogueira Borges - Docentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

HEPATOZOONOSE CANINA

A hepatozoonose canina é uma doença por vezes subdiagnosticada, sendo ainda muito negligenciada ou desconhecida pelos Médicos Veterinários. O objetivo deste, é realizar uma breve revisão de literatura sobre a enfermidade, ressaltando sobre a definição, epidemiologia, sinais clínicos, formas de diagnóstico e tratamento, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) Hepatozoonose Canina, (2) *Hepatozoon canis*, e (3) Hemoparasitoses. Os dados foram coletados no período de 27 de maio à 16 de junho do ano de 2018. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2008 a 2018. Hepatozoonose canina é uma doença causada por um protozoário que parasita leucócitos circulantes de cães, provocada, principalmente, pelo *Hepatozoon canis*. O gênero *Hepatozoon* é pertencente ao filo Protozoa, subfilo Apicomplexa e família Hepatozooidae, mas já foram descritas mais de 300 espécies de *Hepatozoon*, parasitas de diversas estirpes animais. Este é contraído através da transmissão por carrapatos, especialmente, pelo *Rhipicephalus sanguineus* e algumas espécies de *Amblyoma* spp. O cão se infecta quando ingere o carrapato contendo oocistos maduros na hemocele, o qual irá liberar esporozoítos penetrantes na parede intestinal, que cairão na corrente sanguínea e serão conduzidos para o fígado, linfonodos, baço, medula óssea, músculos e pulmões, onde irão multiplicar-se. Já o carrapato, se infecta durante o repasto sanguíneo em cães acometidos. A Hepatozoonose é uma doença mundialmente descrita, sendo no Brasil, já detectada em vários estados com sua sintomatologia variada, sendo relacionada principalmente nos meses mais quentes, pela maior infestação de carrapatos. Os sinais clínicos constatados são variáveis e inespecíficos, podendo apresentar um quadro clínico grave até assintomático, e possui maior gravidade quando associada a outras enfermidades. Normalmente, a infecção cursa com febre, mucosas pálidas, apatia, letargia, descarga ocular e perda de peso, podendo evoluir para caquexia, paralisia de membros, claudicação e morte, sendo frequentemente confundida com a erliquiose canina, por ter sintomatologia similar. Seu diagnóstico é conduzido através de exames laboratoriais, os quais apresentam leucocitose, anemia e trombocitopenia, já no esfregaço sanguíneo são observados gamontes dentro de neutrófilos e monócitos, mas a ausência destes não significa a sua exclusão. Para aumentar as chances de encontrá-los, uma alternativa é a produção da capa leucocitária (esfregaço concentrado de leucócitos). Também é realizado exame histopatológico, onde é observado estruturas arredondadas com pontos basófilos periféricos, circundadas por halo não corado, encontrados no rim, medula óssea, fígado e baço. Dentre os exames sorológicos podem ser realizados testes de imunofluorescência indireta, Ensaio Imunoenzimático (ELISA) e Reação em Cadeia pela Polimerase (PCR). O tratamento é feito a partir de antibióticos como tetraciclina, doxiciclina, dipropionato de imidocarb, trimetoprim-sulfonamida, clindamicina, entre outros, associado ao tratamento suporte, contendo uso de anti-inflamatórios não esteróides e complexo vitamínico. E a sua prevenção pode ser realizada pelo controle do vetor, anulando a sua transmissão. Portanto podemos constatar que, apesar da Hepatozoonose ser uma patologia de extrema relevância na rotina clínica veterinária, e poder levar o animal à óbito, ainda é desconhecida por muitos profissionais.

Palavras-chaves: Cão. Hemorparasitose. *Hepatozoon canis*

REVISÃO DE LITERATURA: RAIVA

A raiva é uma doença infecciosa de evolução rápida cujos efeitos prejudicam o Sistema Nervoso Central (SNC). Essa doença pode estar presente em qualquer espécie de mamíferos, incluindo os seres humanos. O vírus da raiva pode ser transmitido através do animal infectado, por meios como mordedura, lambadura e arranhadura. A transmissão ocorre com maior frequência por meio de animais silvestres como morcegos, gambás e macacos, que infectam cachorros, gatos e humanos de forma acidental. Em 1973, no Brasil, foi criado o Programa Nacional de Profilaxia da Raiva com o objetivo de diminuir a infecção humana através do controle nos animais domésticos, além das medidas profiláticas imediatas para aqueles que tiveram contato com animais raivosos. O objetivo deste resumo é fazer uma breve revisão sobre a raiva, sendo abordado a patogenia da doença, suas formas de transmissão e quais são os métodos mais eficazes de prevenir a transmissão do vírus para humanos e animais. A raiva é uma doença viral aguda, na qual afeta o SNC. A patogenia da raiva pode ser descrita em uma sequência vista em 4 fases, sendo a primeira de incubação, onde ocorre a propagação do vírus através dos nervos periféricos. A partir da mordida até o surgimento dos primeiros sintomas pode haver um intervalo de até 3 meses, seguida pela fase prodrômica que é caracterizada pela ocorrência de sintomas não específicos como dores de cabeça, febre baixa, mal-estar, dores de garganta e vômitos que ocorrem antes da encefalite. Nesse momento também pode haver coceira, dor e dormência no local da inoculação. A terceira fase é a inflamação propriamente dita do SNC, conhecida como encefalite e por último o coma e óbito que pode ocorrer após 2 semanas do início dos sintomas. A doença é considerada uma zoonose pois pode ser transmitida do animal para o ser humano e seu índice de letalidade chega em cerca de 100%. Em 2017 no Brasil, foram registrados 11 casos de raiva, sendo em canídeos domésticos e silvestres. As formas de prevenção contra esse vírus é através de vacinação antirrábica nos animais domésticos, evitar contato com animais silvestres e evitar que morcegos fiquem em local de convivência ou em estruturas próximas. O principal sinal clínico apresentado é a perda da movimentação voluntária muscular que ocorre quando os nervos são atingidos desde a espinha até o cérebro dos animais. Concluímos que é de extrema importância a atuação do médico veterinário na conscientização da população em vacinar os animais contra a raiva todos os anos.

Palavras-chave: Letalidade; SNC; vacinação.

RS 020

Robert Deiverson de Oliveira - Discente do Curso de Medicina Veterinária a UNIFIMES
Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

ESTRATÉGIAS PARA MANEJO E CONTROLE DO POMBO DOMÉSTICO (*Columba livia*) NO AMBIENTE URBANO

O pombo (*Columba livia*), animal da família *Columbidae*, sem muitas características morfológicas distintas em relação a outras espécies, é originária da Europa; considerada uma espécie exótica no Brasil. Adicionalmente é um animal de importância para saúde pública, por participar da epidemiologia de alguns agentes tais como *Histoplasma capsulatum*, *Cryptococcus neoformans*, *Chlamydia psittaci*, dermatite traumática causada por *Ornithonyssus* spp., além de gerar desconforto e perturbação em áreas urbanas. Associado a isso, são considerados pragas urbanas, justificado pela inexistência de predadores no ambiente urbano; e pela disponibilidade de alimento e locais para se empoleirar e se reproduzir. Para tanto, medidas de controle precisam ser empregadas para a redução da população de pombos e conseqüentemente os impactos em saúde pública. Visando essa informação, o objetivo deste trabalho é elencar as principais estratégias para o efetivo controle e manejo desta espécie animal. Foram consultadas as principais bases de dados (Google Acadêmico, SciELO e PubMed) para a realização do presente levantamento bibliográfico, sendo pesquisados artigos científicos atualizados, em que os descritores utilizados foram: pombo; controle; manejo; e saúde pública. Diversos autores inferem que não se pode retirar todos os animais de um ambiente, visto seu papel no controle biológico de certas pragas como baratas, formigas e outros insetos, fazendo parte de uma rede alimentar, podendo-se usar de outros recursos. Muitos trabalhos trouxeram que as estratégias de controle ficam mais claras quando se pensa nos espaços urbanos específicos. Nas residências, pode-se telar as janelas, beirais, sacadas; manter higiene nas áreas abertas em relação aos restos de comida. No caso de prédios e sobrados, deve-se colocar pregos sobre as paredes que vão ficar acima da laje; diminuir os beirais das janelas; aplicação de gel repelente; alimentar os pombos com anticoncepcional; e construir pombais. Existem pesquisas em melhoramento de equipamento que emitem ondas eletromagnéticas para afugentar os pombos. Para áreas abertas (por exemplo, praças e parques) é importante conscientizar a população local e visitantes para não deixarem lixo e não alimentar as aves; anticoncepcionais na água em lugares estratégicos para os pombos; construções de pombais para abrigar as aves para ser feita a quebra dos ovos. Vale lembrar que morte desses animais é proibida por lei, segundo a Constituição Federativa do Brasil de 1988 Art. 225. [...] § 1º [...] que incumbe ao poder público: "Proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade". Baseado nas estratégias acima citadas e respeitando as sanções legais, conclui-se que é possível executar de forma correta a redução do número de pombos nos ambientes urbanos, bem como seus impactos na saúde. Enfatizando aqui a necessidade de profissionais capacitados e que implementem ações baseadas em análises específicas de cada região e situação, que cumpram os princípios do manejo integrado de pragas.

Palavras-chaves: Animais sinantrópicos. Pragas. Pombo-comum. Pombo-das-rochas.

RS 021

Thaynara Souza Moreira e Juliana Bruno Borges Souza - Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

Ariel Eurides Stella - Docente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Jataí

Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

IMPACTOS DO *Staphylococcus aureus* RESISTENTES A METICILINA EM SAÚDE ÚNICA

O *Staphylococcus aureus* é encontrado colonizando a microbiota natural dos animais e seres humanos, principalmente na pele e subcutâneo, e torna-se patogênico quando há uma queda da imunidade. A infecção por esse agente tem sido mais relacionada em ambiente hospitalar. Inicialmente, a penicilina era utilizada para combater os estafilococos, mas em 1960 foram descobertas cepas resistentes. Então foi criado o beta-lactâmico sintético meticilina, que era resistente às beta-lactamases. Porém já em 1961 foram relatadas cepas também resistentes à meticilina que passaram a serem identificadas como *Staphylococcus aureus* resistentes à meticilina (MRSA). Diante disto, o objetivo deste trabalho é elencar os riscos de uma infecção por MRSA, enfatizando a possibilidade da transmissão interespecies e os impactos disso em saúde pública. Para isto, foi realizado um levantamento bibliográfico por meio de pesquisa direta de artigos científicos atualizados nas seguintes bases de dados: Google acadêmico, SciELO e PubMed. A presença de cepas de *S. aureus* resistentes em animais domésticos e no ser humano está relacionada ao uso indiscriminado de antibióticos da ordem dos beta-lactâmicos por médicos e médicos veterinários no tratamento de seus pacientes, sem realização prévia de um antibiograma. A partir de 1990, houve um aumento significativo da presença de MRSA em animais domésticos. Cepas de MRSA de animais apresentam considerável capacidade de transferir genes de resistência para cepas humanas e por isso as infecções por essa bactéria em animais de companhia devem ser interpretadas como um problema de saúde pública. Porém o inverso também é possível, constituindo um risco para a saúde do animal debilitado. Como medida de controle dessa disseminação de resistência aos antimicrobianos no ambiente hospitalar veterinário, é preciso que haja uma limpeza e desinfecção eficiente de superfícies, equipamentos e ambiente; isolamento de pacientes positivos; manipular todo animal com luvas e fazer a lavagem das mãos antes e depois do atendimento. É importante ressaltar que o animal infectado com MRSA, pode ser um disseminador para seu proprietário, ao próprio veterinário e à toda comunidade, assim como, o médico veterinário ou o proprietário infectado pode ser um disseminador para pacientes animais hígidos. O tratamento de infecções causadas por MRSA incluem o uso de glicopeptídeos, como a vancomicina e a teicoplanina. Dessa forma, pode-se concluir que o MRSA é uma grande preocupação na saúde única, visto que, o ser humano pode se infectar através do animal positivo e vice-versa, gerando uma infecção cruzada, levando riscos ao ambiente hospitalar e à comunidade em geral. Diante disto, todo profissional da saúde, antes de receitar um antimicrobiano, deve realizar um antibiograma para determinar o antibiótico correto em cada situação, para que assim, diminua os mecanismos de resistência criados por bactérias.

Palavras-chaves: Estafilococos. Saúde pública. Resistência. MRSA.

RS 022

Juliana Bruno Borges Souza e Thaynara Souza Moreira - Discentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Carolina de Alvarenga Cruz - Doutoranda em Medicina Veterinária Preventiva pela Unesp/FCAV. Raphaella Barbosa Meirelles Bartoli - Docente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Jataí.

Edlaine Faria de Moura Villela - Docente do Curso de Medicina da Universidade Federal de Jataí.

Adolorata Aparecida Bianco Carvalho - Docente do Curso de Medicina Veterinária da Unesp/FCAV. Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

COMPARAÇÃO ENTRE BRASIL E EUA EM RELAÇÃO AOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

A Medicina Veterinária, assim como outras profissões, tem sido vista como um constructo social, formas que configuram pessoas, instituições e conhecimento, para servir a um propósito especial. Corresponde a ciência que se dedica ao estudo, à prevenção, controle, erradicação e tratamento das doenças, traumatismos ou qualquer outro agravo à saúde dos animais, além do controle da sanidade dos produtos e subprodutos de origem animal para o consumo humano. Em um conceito geral, o médico veterinário atua pela saúde e pelo bem-estar dos animais, dos seres humanos e pela sustentabilidade do meio ambiente. O objetivo deste resumo é analisar e comparar a quantidade dos cursos de graduação em medicina veterinária do Brasil em relação aos dos Estados Unidos no ano de 2018. Foram coletados dados secundários atualizados dos sítios eletrônicos do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) e do Animal Business Brasil, além de pesquisas em artigos científicos atualizados no Google Acadêmico com os seguintes descritores: medicina veterinária, quantidade de cursos, Brasil e Estados Unidos. De acordo com o CFMV, o Brasil possui 304 instituições com cursos de Medicina Veterinária. Estes números correspondem às regiões Centro-Oeste (44), Sudeste (117), Sul (66), Norte (13) e Nordeste (64). Já nos Estados Unidos este número é muito inferior, totalizando apenas 28 instituições em todo seu território. Nessa comparação, fica evidente que esse elevado número reflete diretamente na quantidade de profissionais que atuaram no mercado de trabalho. No Brasil, para os acadêmicos ingressarem em uma instituição de ensino superior é necessária aprovação em uma avaliação escrita com temas gerais, ou seja, não é exigido conhecimento específico na área de Medicina Veterinária. Já em relação aos EUA, esse critério se altera, pois é necessário aos interessados realizar uma preparação com estudos prévios sobre bases e conceitos de medicina veterinária e somente depois serem submetidos a uma seleção para se transferirem para a graduação. Essas formas de ingresso repercutem no tempo de duração dos cursos do Brasil e dos EUA, tendo-se uma média de 5 anos e 8 anos respectivamente. Conclui-se, portanto, que esses dados apresentados impactam diretamente na formação e atuação profissional. O elevado número de cursos e médicos veterinários atuando no Brasil, levam à uma desvalorização da classe, isto porque gera-se concorrência, e essa por sua vez leva à uma submissão a situações em que os profissionais ganham um salário inferior ao estipulado. E que em alguns casos geral serviços de baixa qualidade. Outro ponto importante em relação as várias instituições, se reflete no nível do ensino que acaba sendo comprometido, visto que não são todas que cumprem corretamente as diretrizes curriculares nacionais. Essas situações aqui pontuadas poderão ser melhoradas quando os órgãos de classe e de ensino atuarem evitando a abertura de novos cursos, conscientizando os médicos veterinários sobre a valorização e qualidade de serviços prestados, além de melhorar a qualidade de ensino nas instituições já existentes.

Palavras-Chave: Graduação. Medicina Veterinária. Brasil. Estados Unidos.

RS 023

Alana Lucena Oliveira - Mestranda em Saúde Animal, Saúde Pública Veterinária e Segurança Alimentar pela Unesp /FMVZ Botucatu.

Annalú Pinton Ferreira - Mestranda em Biotecnologia Animal com ênfase em Oftalmologia pela Unesp /FMVZ Botucatu.

Mayara Travalini de Lima - Mestranda em Anestesiologia pela FMB/Unesp Botucatu.

Thaynara Souza Moreira - Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

André Luiz Baptista Galvão - Docente do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Rio Preto.

Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

MICOPLASMOSE CANINA - RELATO DE CASO

A micoplasmose canina é uma enfermidade causada por bactérias do gênero *Mycoplasma*, que infectam a parede de eritrócitos apresentando quadro de anemia hemolítica durante processos de imunossupressão. Existem poucas informações sobre a prevalência da infecção em cães, visto que muitos pacientes são portadores. O objetivo deste relato é descrever um caso clínico de micoplasmose canina. No município de Santo Antônio de Goiás/GO, um cão, macho, SRD, castrado, 3 anos de idade, pesando 2,7kg foi atendido em regime domiciliar. Ao exame clínico observou-se hiporexia, apatia, leve sensibilidade abdominal. Foram solicitados exames complementares (hemograma completo, creatinina e ALT), dos quais somente houve alteração em ALT 426 UI/L (14-39 UI/L). Após cinco dias, desde a primeira consulta, o animal continuou apresentando sintomatologia relatada inicialmente e adicionalmente notou-se um quadro leve de desidratação; sendo novamente realizados os exames complementares acima citados e alguns adicionais que apresentaram os seguintes resultados: hemograma completo com quadro leve de anemia (hemácias $4,4 \times 10^6/\text{mm}^3$; VGM 68,18fl, CHGM 33,33%; hematócrito 30%; hemoglobina 10g/dL) e no esfregaço sanguíneo foi detectado *Mycoplasma haemocanis*; nos exames bioquímicos foram observadas proteínas totais 4,8 (6-8G/DL), albumina 1,2 (2-3,6G/DL), creatinina 0,53 (0,5-1,5MG/DL); ALT 688,8,9 (14-39UI/L); fosfatase alcalina 2483,19 (até 100 UI/L); e exame ultrassonográfico com alteração em vesícula biliar apresentando parede espessada com conteúdo anecóico com sedimento biliar ecóico em grande quantidade, rim apresentava dilatação em artéria renal. Também se aferiu a pressão arterial, a qual estava com valor de 90 mmHg. O tratamento inicial intitulado ao paciente foi com doxiciclina (7,5mg/kg/BID) 28 dias; ranitidina (2mg/kg/BID) 28 dias; ondansetrona (0,5mg/kg/BID) durante 7 dias; maropitant (1mg/kg/SID) 5 dias; ácido ursodesoxicólico (10mg/kg/SID); S-Adenosil-Metionina conhecido como SAME (20 mg/kg/SID), silimarina (30mg/kg/SID) e aplicado duas doses de imizol 5mg/kg com intervalos de 15 dias. Após instituído o tratamento o animal apresentou piora significativa 3 dias depois, apresentando icterícia leve, piora do quadro da anemia comprovado pelo hemograma (hemácias $3,7 \times 10^6/\text{mm}^3$; VGM 67,57fl, CHGM 33,20%; hematócrito 25%; hemoglobina 8,3g/dL) e permanecendo o quadro de hiporexia e apatia. No tratamento foi acrescentado prednisolona na dose de 2mg/kg/SID sendo realizado redução progressiva após 26 dias de tratamento, mesmo não apresentando esferócito. Exame ultrassonográfico repetido com 47 dias de tratamento, apresentou melhora significativa dos sedimentos da vesícula biliar, e partir disso se suspendeu o ácido ursodesoxicólico. Foram mantidos SAME e a silimarina por mais 15 dias, visto que a melhora no parâmetros hematológicos, como anemia leve e leucopenia; e pelos bioquímicos como proteínas totais 6,25 (6 - 8G/DL), albumina 2,48 (2-3,6G/DL), creatinina 0,55 (0,5-1,5MG/DL); ALT 115,20 (14-39UI/L); fosfatase alcalina 15 (até 100 UI/L). E assim foi possível estabelecer um prognóstico favorável ao paciente devido a boa resposta do tratamento. Portanto, conclui-se que um diagnóstico precoce e contínuo associado a persistência no tratamento são fundamentais para o êxito no combate à essa enfermidade. A grande problemática da micoplasmose canina é que alguns fatores como dificuldade de detecção e identificação desse micro-organismo, falta de investigação e escassez de conhecimentos sobre essa doença em cães, contribuem para prognósticos desfavoráveis e em alguns casos a morte dos animais.

Palavras-chave: Hemoparasita. *Mycoplasma haemocanis*. Imunossupressão. Cães.

RS 024

Thátyla Camargo Martins e Tatiane Souza Saldanha - discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO PARA ÁCAROS EM CÃES E GATOS

As dermatites parasitárias representam um papel importante nas clínicas de pequenos animais, não só pela sua grande ocorrência como também pela sintomatologia clínica no animal e pelo potencial zoonótico característico a algumas dessas parasitoses. Os ácaros são pertencentes à ordem *Acarina*, distribuem-se por todo o mundo e são encontrados em plantas e animais. Dentre as dermatopatias parasitárias estão as afecções denominadas sarnas, que são originadas por ácaros que causam infecções na pele dos animais, onde ocorre uma inflamação com prurido intenso, podendo apresentar crostas hemorrágicas, alopecia e através da coceira provoca o aparecimento de feridas, promovendo extremo desconforto ao animal, causando lesão direta e disseminando doenças. Na dermatologia veterinária é importante atender os animais visando um diagnóstico preciso para a realização de um tratamento rápido e eficaz, a fim de proporcionar a saúde e o bem-estar animal. O objetivo do trabalho é comparar o método de raspado cutâneo profundo com o teste da fita adesiva para o diagnóstico das sarnas das espécies *Demodex canis*, *Sarcoptes scabiei* e *Notoedres cati*. O exame parasitológico de pele é um dos testes laboratoriais mais utilizados na dermatologia veterinária. É um método de diagnóstico simples que apresenta baixo custo, podendo ser realizado pelo próprio clínico em seu consultório. A sensibilidade do método depende muito da qualidade da amostragem e da maneira da coleta. Dentre os métodos mais utilizados está o raspado cutâneo profundo, porém é possível obter auxílio diagnóstico através do teste da fita adesiva e outros exames laboratoriais complementares. No raspado cutâneo profundo, o teste é realizado com o auxílio de uma lâmina de bisturi realizando várias raspagens, então o material obtido é transferido para uma lâmina de vidro, e examinado a microscópio. Nos casos em que há suspeita de sarna demodécica (*Demodex canis*), o raspado deve ser profundo até observar sangramento capilar e realizar de diferentes regiões da pele. E em suspeita de sarna sarcóptica (*Sarcoptes scabiei*) e sarna notoédrica (*Notoedres cati*), os raspados devem ser superficiais, em áreas com pápulas extensas, crostas amarelas, na região axilar e borda da orelha. O teste da fita adesiva é simples de ser realizado e apresenta grande importância na clínica veterinária, porém quase não é utilizado. A fita deve ser colada e descolada várias vezes e em diversas regiões do corpo do animal. Após esse procedimento a fita é colocada sobre uma lâmina de vidro e o material deve ser levado ao microscópio para verificar a presença de ácaros. Conclui-se então que o teste da fita adesiva se apresentou mais sensível que o raspado cutâneo profundo, obtendo maior sensibilidade, além disso permite fácil acesso em zonas difíceis de raspagem e é um método menos invasivo, e traumático tanto para os animais quanto a visão do proprietário.

Palavras-chaves: Raspado cutâneo profundo, sarna, dermatopatia parasitária.

COLANGIOHEPATITE FELINA – UMA BREVE REVISÃO

A colangiohepatite é uma doença hepática de grande importância, acometendo principalmente felinos, que implicam em inflamação dos dutos biliares e estende-se para o fígado, podendo ainda estar acompanhada de pancreatite e doença inflamatória intestinal, que irá acarretar em um quadro denominado de tríade felina. Este resumo tem como objetivo discutir sobre a etiologia da colangiohepatite, como se apresenta, diagnóstico e o tratamento. A colangiohepatite tem seu início com a inflamação do trato biliar, ocasionando proliferação e hiperplasia do mesmo. Estima-se que os felinos são mais acometidos por essas afecções devido a uma particularidade anatômica que possuem, seu ducto pancreático se une ao ducto biliar comum antes de se comunicar com o duodeno, aumentando a possibilidade de penetração de bactérias no intestino e ainda o ducto biliar pode estar mais suscetível a alterações devido inflamações pancreáticas. Podemos classificá-la em três tipos: colangiohepatite supurativa, não supurativa e colangite linfocítica. A primeira tem um caráter agudo, sendo o tipo mais comum, onde ocorre infiltração de neutrófilos no lúmen e no epitélio dos ductos, decorrente de colonização por bactérias ascendentes do intestino. A não-supurativa que possui um caráter crônico, onde pode ocorrer infiltrado inflamatório de neutrófilos e macrófagos de leve a moderado ao redor dos ductos biliares e no espaço porta ocorre infiltração de neutrófilos, linfócitos e plasmócitos. Já a colangite linfocítica tem origem imunomediada. A princípio, pode ser causada por ascensão bacteriana ou infecção por *Platynosomum* spp. (trematódeo), que em caráter crônico podem desenvolver uma resposta imune exacerbada, provocando lesões no fígado. Os sinais clínicos são típicos de doença hepática, não sendo nada específicos da colangiohepatite. Eles incluem anorexia, perda de peso, depressão, vômitos e diarreia intermitente, icterícia, febre e desidratação quando presentes. O diagnóstico é realizado através de exames complementares como hemograma, perfil de coagulação, perfil hepático e ácidos biliares, exames de radiografia e ultrassonografia, contudo só se chega ao diagnóstico definitivo através de biópsia hepática. Uma vez que a etiologia é identificada, pode-se fazer o prognóstico da doença e o tratamento. Considerando-se que as formas de apresentação da doença em felinos pareçam ser distintas entre si, o tratamento específico é dado pelos resultados da biópsia hepática e cultura da bile. O tratamento pode ser feito com antibioticoterapia, fluidoterapia para restaurar e manter a homeostasia hídrica do animal, suporte nutricional, em casos onde o prognóstico é desfavorável pode ser feita intervenção cirúrgica e terapia colerética. Por fim, pode-se destacar que a colangiohepatite é uma importante afecção hepática em felinos, sendo importante o conhecimento desta afecção pelos médicos veterinários, bem como identificar as distintas formas de apresentação da doença permitindo um diagnóstico mais preciso e um tratamento mais adequado a cada forma de apresentação.

Palavra-chave: tríade felina, doença hepática, inflamação.

RS 026

Felipe Augusto Pereira e Mayni Flavia de Souza Silva - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

FEBRE DO NILO PREOCUPA MEDICOS VETERINÁRIO NO BRASIL

Vista como uma enfermidade de suma importância para os órgãos de sanidade mundial, a Febre do Nilo Ocidental (FNO), retorna com alta incidência em estados brasileiros. Tendo como agente etiológico o *Flavivirus*, da família *Flaviviridae*, o mesmo é capaz de infectar diversas espécies animais e humanos, contudo a doença de origem ocidental, de caráter agudo e pertencente à lista nacional de doenças e agravos de notificação obrigatória desde o ano de 2003. Em 2011, foi detectada a presença do vírus nas regiões amazônicas e do Pantanal. É possível que este vírus tenha sido introduzido em território nacional através da migração de aves silvestres provenientes do hemisfério norte ou de outros países da América do Sul e se expandindo através de vetores mecânicos tais como os mosquitos do gênero *Culex*. Em 2014 foi confirmada a presença do vírus, em aves domésticas, equídeos e no líquido em caso humano no interior do Piauí. Animais acometidos pelo vírus da FNO cursam com sintomatologia caracterizada por febre, ataxia, paralisia dos membros pélvicos e torácicos, prostração, coma e morte. O diagnóstico diferencial entre outras doenças de sinais clínicos neurológicos é de fundamental importância, uma vez dada a suspeita um protocolo deve ser respeitado no qual envolve: Coleta de matérias para realização de exames laboratoriais para detecção do vírus ou/e material genético do mesmo nos matérias de eleição sangue, soro, tecido, líquido cefalorraquidiano ou outras secreções orgânicas, detecção de soro conversão (crescimento do volume em aproximadamente cinco vezes na titulação de imunoglobulina G em amostras comparadas) uma vez confirmada no teste em teste de neutralização pela redução de placa em amostras séricas ou de líquido cefalorraquidiano (fase aguda e de convalescença). Dentre outra detecção de anticorpos da classe imunoglobulina M, em amostras de líquido cefalorraquidiano ou soro, na fase aguda deve ser confirmado com apoio de técnicas de soro neutralização. Recentemente o estado do Espírito Santo teve casos confirmados da doença acendendo um sinal de alerta aos estados vizinhos que por sua vez se tornam vulneráveis a enfermidade, subsequente ao estado anterior Minas Gerais apresentou foco de FNO. Alguns equinos no município de Mineiros-GO apresentaram sinais clínicos neurológicos o que nos leva a indagar sobre Febre Do Nilo, porém é válido lembrar que outras doenças acometem o sistema nervoso deixando em evidência que o estudo da doença é de extrema relevância para saúde animal e humana.

Palavra-Chave: Equino. Flavivirus. FNO. Febre.

RS 027

**Leandra Tapajós Araújo, Amarilton Pereira Santana Borges, Nara Cristina Sousa Silva, Vanessa Carrijo Teodoro e Vicente da Silva Borges Neto - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.
Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.**

PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DE MINEIROS/GO SOBRE CONTROLE DE ECTOPARASITAS E DAS PRINCIPAIS ENFERMIDADES CANINAS RELACIONADAS

Dentro da clínica de pequenos animais, em especial, quando pensamos na medicina canina, as infestações por carrapatos e as doenças decorrentes de sua transmissão ganham destaque nos atendimentos, sendo as principais babesiose e erliquiose. Esse é um problema que preocupa tanto médicos veterinários, como os próprios tutores. E as ações precisam estar associadas, mas para que se tenham as ações é importante ter a informação e o conhecimento. Visto isso, o objetivo deste estudo foi avaliar a percepção de indivíduos residentes no município de Mineiros/GO sobre as principais doenças enfermidades caninas relacionadas aos carrapatos e o controle desse transmissor. Foi confeccionado um questionário do tipo estruturado e este aplicado, de forma aleatória e sem indução de respostas, para 50 cidadãos mineienses. Inicialmente os entrevistados foram questionados se eram tutores de algum cão e 92% (46/50) responderam sim; os demais informaram que naquele momento da entrevista não possuíam nenhum animal, mas que outrora já tiveram cachorros. A partir disso buscou-se saber se seus próprios animais tinham ou se já tiveram carrapatos em algum momento de suas vidas, e uma grande maioria representada por 76% (38/50) dos entrevistados afirmaram positivamente. Sendo que desses, 88% disseram ter feito o combate ao carrapato no animal e/ou no ambiente. As principais formas de combate elencadas foram: produtos específicos de aplicação nos animais (40%), banhos (12,5%), produtos para utilização no ambiente (12,5%); adicionalmente vale informar que 36% não lembrava quais produtos ou formas utilizadas. Quando perguntados da presença desses ectoparasitas na vizinhança, 68% (34/50) não sabia da situação nesses outros animais próximos, sendo que os demais 32% (16/50) confirmaram a presença dos carrapatos. Em relação as doenças relacionadas, foi perguntado aos entrevistados se eles já ouviram falar da “doença do carrapato”, com essa sinonímia mesmo, assim como popularmente são conhecidas as enfermidades caninas transmitidas por esses indivíduos da família *Ixodidae*; e uma expressiva porcentagem (86%) afirmou que sim. Porém, quando perguntados se conheciam ou já teriam ouvidos os termos babesiose e erliquiose, 88% (44/50) responderam não. Com estas respostas nota-se que a maioria dos entrevistados tem conhecimento da nomenclatura “doença do carrapato” e como agir para combater o transmissor, porém desconhecem os termos técnicos empregados nesse grupo de enfermidades e consequentemente desconhecem as origens etiológicas.

Palavras-chaves: Questionário. Carrapatos. Erliquiose. Babesiose. Conhecimento.

RS 028

Edilaine Patrícia de Oliveira Stiz - Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES
André César Rezende Corte Real - Médico Veterinário Autônomo
Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

ANAPLASMOSE FELINA – RELATO DE CASO

Enfermidades que possuem vetores como disseminadores e com características emergente e reemergentes estão se tornando cada vez mais comum. Dentre essas enfermidades, podemos destacar as causadas por bactérias da família *Anaplasmataceae*, que são gram-negativas, intracelulares obrigatórias, medindo entre 0,3 a 2,0µm e sem motilidade. Não existem muitos estudos da prevalência da anaplasmoze em felinos (tanto doméstico quanto silvestres) no Brasil. Inclusive, pouco se sabe sobre a patogenia dessa enfermidade em gatos, sendo que a maioria dos casos são caracterizados por sintomatologia inespecífica. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de infecção de um paciente felino por *Anaplasma platys*. Foi atendimento na cidade de Cuiabá/MT um animal da espécie felina, SRD, macho e com 7 anos de idade, em que a principal queixa do proprietário era a apatia e hematúria. Ao exame clínico inicial, o paciente apresentou mucosa oral hipocorada. Exames complementares de rotina foram realizados, como hemograma com pesquisa de hemoparasitas, ureia e creatinina. No exame sanguíneo, algumas alterações foram dignas de nota: leucócitos apresentando valor de 25.800mm³ (6 mil a 17 mil/UM), plaquetas com 99.000mm³ (300.000 a 800.000/mm³); e presença de *Anaplasma platys*. A conduta terapêutica iniciou-se com a internação e escolha de um tratamento suporte com fluidoterapia com soro glicosado e vitaminas, complementado com a medicação dipropionato de imidocarb e ácido tranexâmico, para controle do agente e da hemorragia, respectivamente. Nas primeiras 24 horas não houve melhoras significativas, entretanto, no segundo dia após início do tratamento notou-se diminuição no quadro de hematúria e aumento do apetite do paciente. Em 72 horas de internação, a urina já apresentava característica *sui generis*, sem nenhum sinal de sangue; e o paciente demonstrava evidente normorexia. Após isso optou-se pela alta do paciente com encaminhamento de tratamento de casa com a seguinte prescrição: doxiclina 100mg SID por 21 dias, e um suplemento mineral vitamínico específico para gatos por 30 dias. Após esse período de tratamento, o paciente teve seu retorno ao atendimento veterinário em que clinicamente apresentava-se hígido. Não houve interesse do tutor em realizar novos exames. Nota-se com as informações aqui relatadas, que o diagnóstico de anaplamose em felinos tem um caráter acidental. Em que na maioria das vezes os proprietários buscam auxílio médico-veterinário pensando em outras afecções. Conclui-se, portanto, que o perfil inespecífico dos sinais clínicos da anaplasmoze em gatos pode ser considerada a principal causa do subdiagnóstico desta enfermidade no Brasil.

Palavras-chave: Gato. *Anaplasma platys*. Diagnóstico.

Giovanna Oliveira Costa, Eduarda Gonçalves de Melo, Geovanna Santos Pereira, Peterson Martins de Souza Batista da Silva e Thiara Dayane de Souza - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS PROPRIETÁRIOS DE EQUINOS DO MUNICÍPIO DE MINEIROS/GO SOBRE CÓLICA EQUINA

A cólica equina é uma síndrome causada principalmente por problemas resultantes da alimentação, caracterizada dor abdominal intensa. Clinicamente os animais podem apresentar: posição corporal em decúbito; inquietação; movimentos de rolagem; dentre outros. Em muitas situações a problemática se dá pela escolha dos proprietários por dietas inadequadas como: rações fora dos padrões, frutos, alimentos em estado fermentativo. Portanto, o objetivo do presente trabalho é avaliar o conhecimento dos proprietários de equinos sobre essa síndrome. Para tanto, um questionário semiestruturado foi elaborado contendo questões abertas e fechadas, sendo aplicado a cinquenta entrevistados do município de Mineiros/GO em um público específico de proprietários de equinos ou que tinha vivência com animais dessa espécie. A aplicação dos questionários foi realizada de forma imparcial e sem indução de respostas, garantindo assim a autenticidade dos resultados aqui apresentados. Dos 50 entrevistados, 72% (36/50) responderam possuir cavalos; os demais trabalhavam com esses animais no seu dia-a-dia. Quando perguntados se algum momento já observaram os cavalos agitados ou com movimentos incomuns, 54% (27/50) responderam positivamente; e os principais motivos elencados por eles eram: estresse (48,72%), dor (30,77%), desconforto (10,26%), doença (5,13%), acidentes por animais peçonhentos (2,56%) e outros (2,56%). Em relação ao tipo de manejo adotado durante a alimentação dos equinos, 92% (46/50) disseram colocar a alimento em cochos; e que a manutenção e limpeza desse tipo de comedouro era realizada periodicamente da seguinte nas seguintes frequências: 41,18% semanalmente, 35,30% diariamente, 7,84% raramente, 3,92% mensalmente e 11,76% não a realizava. 60% afirmaram ainda que os animais de suas propriedades/vivência possuíam acesso a pastagens com presença de árvores frutíferas. Finalmente quando questionados propriamente sobre a cólica equina, 80% (40/50) dos entrevistados confirmaram já ter ouvido sobre essa síndrome, sendo que 86% desses disseram que a alimentação está relacionada com etiologia e 16% já presenciaram a morte de algum animal por cólica equina. Conclui-se, portanto, que a maioria dos entrevistados possuem certo conhecimento sobre cólica equina, porém ao analisar os manejos empregados pelos mesmos vê-se que seus animais estão constantemente expostos aos fatores de risco que podem culminar nessa síndrome. E que a grande maioria não consegue relacionar as alterações clínicas com a enfermidade. Contudo, fazem-se necessárias novas estratégias de disseminação de informações sobre cólica equina para esses proprietários e trabalhadores da equinocultura, possibilitando assim tornar-se esses personagens agentes sentinelas que assim quando observada qualquer alteração nos animais, solicitarão auxílio médico-veterinário rápido; o que otimistamente levará à um melhor prognóstico dos casos e redução da letalidade dessa enfermidade.

Palavras-chave: Síndrome. Cavalos. Questionário

RS 030

Vitor Hugo Carvalho Ferreira, Alexandre Santos Carneiro, Rodrigo Goulart Resende, Lázaro Otavio Quintino Nunes e Érick Vinicius Guimarães - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES
Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

NOÇÕES DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE MINEIROS/GO SOBRE A EPIDEMIOLOGIA DA RAIVA ANIMAL E HUMANA

A raiva é uma antropozoonose transmitida pela inoculação do *Lyssavirus*, contido na saliva de mamíferos infectados, principalmente por meio de mordeduras, lambeduras e arranhaduras. Trata-se de uma encefalite aguda, que leva as vítimas ao óbito em praticamente 100% dos casos, tanto humanos quanto animais. Portanto, um grave e preocupante problema de saúde pública. Justamente, por ser uma doença fatal e com alto custo na assistência profilática às pessoas expostas ao risco de adoecer e morrer, é que medidas preventivas precisam ser aplicadas. Para tanto, objetivou-se avaliar o conhecimento da população mineirense sobre transmissão e prevenção da raiva, por meio de um questionário semiestruturado contendo questões fechadas e abertas. As respostas iguais e/ou semelhantes das perguntas abertas foram agrupadas para a tabulação dos dados. Foram entrevistadas 50 pessoas de diferentes pontos da área urbana do município de Mineiros/GO. Não foram coletados dados referentes ao perfil dos entrevistados. E a partir da contabilização das respostas, foi realizada uma análise dos dados obtidos e cálculos de porcentagem simples. Do total de entrevistados, 96% responderam que já ouviram falar sobre a raiva em algum momento de suas vidas. Na sequência foram apresentadas perguntas referentes às características epidemiológicas dessa enfermidade. Sobre a sintomatologia da doença tanto em humanos quanto em animais, 44,83% das respostas estavam relacionadas com sinais clínicos de alteração comportamental e neurológica, 37,93% destacaram a sialorreia, 11,49% informaram que eram problemas locomotores e mal-estar, e 5,75% não souberam responder. Quando questionados quais espécies animais poderiam contrair o vírus, as respostas foram as seguintes: seres humanos (27,27%), cães (23,64%), bovinos (15,45%), equinos (10,91%), gatos (8,18%) e morcegos (2,73%) e não souberam responder (0,91%). Destaca-se que além destas respostas, 10,91% respondeu que qualquer mamífero poderia se infectar. Em relação à transmissão da raiva 71,23% responderam mordedura e arranhadura, 24,66% disseram por contato e secreções de animais e 4,11% não souberam responder. Já sobre a prevenção da raiva, 94% responderam pela vacinação dos animais e os outros 6% não souberam responder. Quando questionados se existia algum tratamento 68% respondeu que não e 32% responderam sim. Vimos, portanto, que as pessoas entrevistadas demonstraram bom conhecimento sobre alguns pontos da raiva, mas ainda sim houveram algumas respostas que mostram o quanto esse tema ainda precisa ser esclarecido para a população em geral, visto sua extrema importância para saúde pública.

Palavras-chave: Conhecimento. *Lyssavirus*. Prevenção. Questionário. Transmissão.

Ludmyla Marques Campbell, Kerolay Carrijo Silva, Iana Vilela Resende, Yanka Rodrigues Alves e Dáfne Matias Carrijo - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES. Ísis Assis Braga - Docente do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

LEUCEMIA VIRAL FELINA: UMA REVISÃO

A leucemia viral felina (FeLV) é causada por um retrovírus cuja principal característica é inserir material genético no DNA hospedeiro, favorecendo a multiplicação exacerbada de células neoplásicas, podendo originar tumores. O objetivo deste trabalho é descrever a retrovirose e os principais quimioterápicos utilizados para remissão das neoplasias originadas pelo vírus da leucemia felina, o qual foram utilizadas as bases de dados do Google Acadêmico com os seguintes descritores: (1) FeLV, (2) *Quimioterapia*, e (3) Tratamento. Os dados foram coletados no período de 23 a 30 de junho do ano de 2018. O vírus da FeLV pertence à família *Retroviridae* e possui distribuição mundial. Os felídeos infectados eliminam o vírus via saliva, urina e fezes, sendo estes fluidos as principais fontes de infecção. O animal pode ou não manifestar sinais, apresentando imunossupressão, anemias, linfadenopatias, aparecimento de tumores, etc. As neoplasias ocorrem devido à forma de replicação do microrganismo. O retrovírus, quando na célula hospedeira, é capaz de converter seu RNA em DNA por meio da enzima Transcriptase Reversa. Dessa forma o vírus integra seu material genético no genoma hospedeiro, formando o DNA-proviral. Quando essa célula se divide, ela origina células filhas que possuem o DNA-proviral, levando à proliferação desse material. Isso explica o fato do animal infectado uma vez, ser positivo para o agente pelo resto da vida. Devido à inclusão do provírus no DNA hospedeiro ser próximo à protooncogenes, este pode ativar e expressar esses genes, favorecendo uma grande replicação dessa célula modificada. Em virtude da imunossupressão, o corpo do animal não consegue destruir tais células, levando ao aparecimento de tumores. As principais neoplasias associadas à essa retrovirose são os linfomas de célula T e leucemias agudas. Na presença do Vírus do Sarcoma Felino (FeSV) também pode se observar fibrossarcomas cutâneos com grande potencial de invasão e metástase. Os protocolos quimioterápicos utilizados nessas neoplasias são o COP (ciclofosfamida, vincristina e prednisona), o MW (doxorrubicina, vincristina, ciclofosfamida e prednisona) e o VCM (vincristina, ciclofosfamida e metotrexato), sendo que a escolha deverá considerar a toxicidade, viabilidade de administração e despesas. A ciclofosfamida é um agente alquilante, que exerce um efeito citotóxico nas células inserindo um grupo alquil no DNA, impedindo sua transcrição. A vincristina é responsável por bloquear a metáfase celular, impedindo a formação da placa equatorial, levando a célula à morte. Já o metotrexato é um inibidor da enzima di-hidrofolato redutase, atrapalhando a síntese das bases do DNA. A doxorrubicina é um antibiótico que se liga às bases do DNA, modificando a transcrição e replicação. Já o uso da prednisona, apesar de não ser um quimioterápico, se justifica pela ligação aos receptores de glicocorticoides após se transformar em prednisolona, levando as células linfocíticas à apoptose. As doses quimioterápicas são administradas na dose máxima tolerada e em curto intervalo de tempo, afim de eliminar células neoplásicas o quanto antes. Geralmente essa dosagem é bem próxima à toxicidade, sendo importante ter atenção aos sinais do paciente e reavaliação de dosagem se necessário.

Palavras-Chaves: Felinos. FELV. Quimioterapia. Retrovirose.

RS 032

Felipe Silveira Martins, Edilaine Patrícia de Oliveira Stiz, Isadora Rezende Fusco Borges, Iridio Gonçalves Boraschi e Otávio Ribeiro Freitas - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

LEPTOSPIROSE: AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE MINEIROS/GO SOBRE A ENFERMIDADE

A leptospirose no ambiente urbano é uma zoonose que possui principalmente com transmissor roedores. Eles são responsáveis pela disseminação de bactérias da família *Leptospiraceae*, que no organismo animal e humano pode levar ao desenvolvimento de um quadro de alterações hepáticas e renais e em alguns casos a morte. Por isso, é extremamente importante que as pessoas conheçam sobre essa doença e apliquem as medidas de controle e prevenção. O objetivo desse trabalho foi avaliar o conhecimento sobre leptospirose pela população de Mineiros/GO. A pesquisa foi feita por meio da aplicação de um questionário semiestruturado a 53 pessoas, que abordava várias informações da história natural da doença. Os dados das respostas foram contabilizados e analisados e estatísticas simples foram realizadas. De todos os entrevistados, 90,57% já ouviram falar sobre a leptospirose. Desses, quando questionados sobre as formas de transmissão, 36,73% das pessoas disse que era pela urina de rato, 12,24% contato com o rato, 10,20% contato com animais (cachorro e gato), 8,16% contato com pelos de rato, 8,16% contato com água de esgoto, 6,12% alimentos contaminados, 4,04% fezes de rato, e 14,28% não soube responder. Sobre quais são os sintomas de leptospirose, 25% disseram que é febre, 7,35% dor de cabeça, 8,82% vômitos, 5,88% dor no corpo, 5,88% diarreia, e 47,05% não souberam responder. Sobre como a leptospirose poderia ser prevenida, 29,63% das pessoas disseram que é com a higiene do ambiente, 24,07% exterminar os ratos, 18,51% evitar água da enxurrada, 7,4% evitar contato com ratos, 5,55% evitar contato com outros animais (gato e cachorro) e 14,81% das pessoas não souberam responder. Os entrevistados também foram arguidos sobre a presença de ratos em sua vizinhança, e as respostas foram as seguintes: 25% das pessoas disse que não há e 75% responderam que sim. Aliado a essa pergunta anterior, buscou-se saber então como é realizado o controle desses roedores: 6,25% disse que com a utilização de outros animais (gatos e cachorros), 41,67% utilizando raticidas e 52,08% disse que não existe nenhum tipo de controle. Adicionalmente é importante acrescentar que 91,66% as pessoas relacionaram o rato como transmissor da leptospirose. Podemos concluir que a população de Mineiros/GO tem pouco conhecimento sobre a doença. Podemos sugerir elaboração e distribuição de material técnico e educativo, capacitando de profissionais para executarem ações de forma mais efetiva para prevenir a população da doença. Além disso, também estudar os dados da doença registrados no país e ficam vigilantes para a ocorrência de quaisquer casos e surtos de leptospirose.

Palavras-chave: Questionário. *Leptospira* sp. Saúde Pública. Conhecimento.

ATUALIZAÇÕES SOBRE BRUCELOSE BOVINA

A Brucelose bovina é uma doença infectocontagiosa considerada como um problema econômico e sanitário por causar desordens reprodutivas nos animais, além disso é uma antropozoonose. O objetivo deste resumo é realizar uma breve revisão de literatura sobre a enfermidade, ressaltando aspectos sobre a etiologia, patogenia, epidemiologia, prevenção e diagnóstico, na qual foram utilizadas bases de dados do Google Acadêmico (scholar.google.com.br) com as seguintes estratégias de busca: (1) Brucelose bovina, (2) *Brucella abortus* (3) Diagnóstico e Prevenção da Brucelose bovina. Os dados foram coletados no período de 01 de junho a 29 de junho de 2018. A pesquisa foi limitada a artigos publicados no período de 2003 a 2018. A Brucelose bovina é uma doença causada por bactérias do gênero *Brucella*, que são coccobacilos curtos e pequenos. As brucelas não tem especificidade quando infectam um hospedeiro, embora exista uma predileção por determinada espécie como a *B. abortus* por bovinos. Tem uma alta resistência em ambiente úmido e que contenha matéria orgânica. É uma importante causa de abortos, acompanhada algumas vezes de infertilidade temporária ou permanente, ocasionando relevantes perdas econômicas para o agronegócio brasileiro. As brucelas adentram o organismo do hospedeiro através das mucosas ou por contato direto. Para os bovinos a principal forma de infecção é pela mucosa orofaríngea. A brucela tem uma predileção por órgãos que contenham o eritritol, um álcool que favorece o seu metabolismo. Estando este presente no útero gravídico, tecidos mamários e no sistema reprodutivo masculino. Durante a gestação a bactéria vai para o útero podendo causar aborto ou o nascimento de bezerras fracas. A partir do quinto mês de gestação, a concentração do eritritol começa a subir, atingindo pico máximo próximo ao parto, o que estimula a multiplicação da bactéria de forma crescente, causando intenso processo inflamatório e consequente placentite necrótica. O feto morre por falta de aporte nutricional. O aborto, geralmente ocorre no terço final da gestação. Nos machos a brucelose pode causar orquite provocando subfertilidade ou esterilidade. A transmissão pode acontecer da mãe para o filho durante a gestação ou amamentação. Outras formas de transmissão envolvem: restos placentários, sêmen, leite, fezes e a própria carne. A prevenção é feita através da vacinação de bezerras de 3 à 8 meses com a vacina B19 ou com a vacina RB 51. Machos não são vacinados. O diagnóstico é feito por médico veterinário habilitado através de testes sorológico em fêmeas com idade igual ou superior 24 meses, se vacinadas com a B19, fêmeas com idade igual ou superior a oito meses, se vacinadas com a RB51 ou não vacinadas e machos com idade igual ou superior a oito meses destinados à reprodução. Os animais positivos deverão ser marcados na cara com um “P” e o médico veterinário habilitado deverá notificar em até um dia útil à unidade local do serviço veterinário estadual do município onde se encontra a propriedade atendida. Estes animais deverão ser isolados do rebanho, afastados da produção leiteira e abatidos no prazo máximo de trinta dias após o diagnóstico, em estabelecimento sob serviço de inspeção oficial.

Palavras-chaves: bovino, aborto, *Brucella abortus*.

RS 034

Alana Lucena Oliveira - Mestranda em Saúde Animal, Saúde Pública Veterinária e Segurança Alimentar pela Unesp /FMVZ Botucatu)

Annalú Pinton Ferreira - Mestranda em Biotecnologia Animal com ênfase em Oftalmologia pela Unesp /FMVZ Botucatu

Mayara Travalini De Lima - Mestranda em Anestesiologia pela FMB/Unesp Botucatu

Juliana Bruno Borges Souza - Discente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

Eric Mateus Nascimento de Paula - Docente do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

DERMATITE ATÓPICA CANINA INDUZIDA POR ALIMENTOS - RELATO DE CASO

A dermatite atópica canina (DAC) é uma doença inflamatória pruriginosa, crônica e recorrente, que apresenta alta incidência em cães. Embora sua etiologia seja multifatorial, a fisiopatologia está relacionada a mutações genéticas que conduzem a alteração da função de barreira tegumentar, resposta imune antimicrobiana deficiente e a resposta cutânea exacerbada a aeroalérgenos, antígenos microbianos, irritantes e alimento (trofoalérgenos). Por se tratar de uma dermatopatia em que nenhum dos sinais clínicos é patognomônico, o diagnóstico é subsidiado somente pelo exame clínico e critérios diagnósticos. Destacando como principais conceitos o reconhecimento da DAC induzida ou não por alimentos, mediada ou não por IgE. Nesse contexto, introduziu-se um novo conjunto de critérios para ajudar a classificar o paciente como atópico. O objetivo do presente trabalho é relatar um caso de DAC induzida por alimentos. Foi atendido, no município de Botucatu/SP, um paciente canino, raça maltês, fêmea, castrada, de aproximadamente 7 anos de idade e pesando 3,5 kg. A queixa principal durante a anamnese era o prurido intenso na região cervical, nasal e patas; a proprietária avaliava essa intensidade com valor 9, em uma escala de 0 a 10. O histórico apresentado é de episódios de prurido desde filhote, com permanência em ambiente interno, com melhoras do quadro quando administrados corticosteroides e apresenta quadros esporádicos de diarreia (em algumas vezes com hematoquesia) e êmese. Além disso, o controle de ectoparasitas é realizado de forma contínua. Portanto, sem indícios de uma possível origem etiológica partiu-se para o controle do prurido. Inicialmente foi prescrito oclacitinib 0,5mg/kg BID durante 14 dias, e após isso uso SID somente no período noturno; creme hidratante específico de uso animal após os banhos com o xampu neutro já utilizado pelo paciente; aceponato de hidrocortisona borrifando principalmente em regiões com elevado prurido a cada 24 horas durante 7 dias; complexo de ceramidas e ácidos graxos semanalmente; e mupirocina pomada a cada 12 horas devido uma leve de piodermite bacteriana. Durante o período de tratamento, somente houve melhoras no quadro de piodermite, permanecendo o prurido. Após análise dessa situação aliado ao histórico animal, o paciente foi submetido a uma dieta de exclusão com a ração a base de soja hidrolidada por aproximadamente 9 semanas, que apresentou resposta positiva com redução da sintomatologia, possibilitando imaginar que a origem era alimentar. Para a confirmação, o animal foi submetido à fase de provocação (reexposição), ou seja, retomou-se a utilização da antiga ração e o paciente voltou a desenvolver os sinais clínicos com 3 dias. Dessa forma, entende-se que o animal possui DAC sugestiva de indução por alimentos, reforçada pelo histórico dos quadros gastroentéricos relatados. Sendo assim, conclui-se que nesse tipo de enfermidade com etiologia multifatorial, e na impossibilidade de exames mais complexos, é extremamente importante avaliar excluindo todas as possíveis causas.

Palavras-chave: Dieta. Ração Hipoalergênica, Prurido. Cão.

RS 035

Pedro Henrique Carvalho Oliveira e Willian Rodrigues Lemes - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

Debora da Silva Freitas Ribeiro, Elisângela Maura Catarina e Vantuil Moreira de Freitas - Docentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

USO DO BARBATIMÃO (*STRYPHNODENDRON ADSTRINGENS*) EM LACERAÇÃO DE EQUINO

O objetivo deste trabalho foi descrever clinicamente a evolução do processo cicatricial de laceração nos membros de uma potra submetida ao tratamento local com extratos da planta barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*). A literatura reforça ação farmacológica desta planta na cicatrização de pele dos animais. Acrescente-se ainda que os equinos por razão de seu temperamento, apresentem maiores chances de lesionarem quando criados em campo aberto e, portanto, a utilização de fitoterápico pode ser uma alternativa viável no tratamento dessas lesões, visto que pode reduzir o tempo de cicatrização. A metodologia utilizada foi o referencial teórico, via revisão de literatura, associada ao relato de caso para descrever o tratamento fitoterápico. Foi atendida, numa propriedade no município Mineiros-Goiás, uma potra com nome Flicka, meio sangue quarto de milha, 12 meses de idade, 280 kg peso vivo, com laceração de ambos membros pélvicos na região medial do metatarso e o membro torácico esquerdo na região do carpo decorrente de acidente onde a mesma caiu em mata-burro. Mediante a extensão da lesão optou-se no primeiro instante pela intervenção cirúrgica visando aproximar as bordas da ferida e cicatrização de primeira intenção. No pré-operatório procedeu-se com protocolo anestésico "triple drip" associação cetamina (2 mg/Kg), xilazina (1 mg/ Kg) e éter gliceril guaiacol (EGG 50 mg/ 500 ml solução); contenção em decúbito lateral esquerdo com cordas fixas nos membros e cabeça; tricotomia e antisepsia da ferida e bloqueio anestésico local com cloridrato de lidocaína a 2%. Suturou as bordas das feridas com fio de nylon em padrão de sutura simples separada, No pós-operatório fez-se antibioticoterapia (benzilpenicilina procaína 20.000 UI/Kg) durante 10 dias, anti-inflamatório flunixinina meglumina (1,1 mg/kg peso) por 3 dias e soro antitetânico (5000 UI), pomada antimicrobiana cicatrizante a base de penicilina G benzatina, procaína sulfato de diidroestreptomicina e ureia. Após uma semana da intervenção cirúrgica houve deiscência da ferida e desenvolvimento de tecido de granulação. Daí em diante decidiu-se exclusivamente pela fitoterapia. O preparo do extrato bruto do barbatimão feito a partir da fervura da entrecasca da árvore em 5 litros de água filtrada em um tacho de cobre, por 3 horas. O resultado da fervura foi um extrato concentrado de coloração caramelo escuro, que após esfriar-se, procedeu-se a filtragem, para garantir ausência de casca, apenas o líquido. Conservou-se na geladeira dentro de uma garrafa. A aplicação do medicamento fitoterápico nos ferimentos foi na dose 20 ml de extrato em cada membro do animal, duas vezes por dia durante um mês. Após esse período a aplicação passou a ser na mesma dose uma vez ao dia durante dois meses seguidos, até a lesão completar cicatrização definitiva e o animal ter cura clínica. Pela observação clínica constatou-se que a utilização do barbatimão teve uma boa resposta no processo de cicatrização, no controle de tecido de granulação, ainda que o tempo de cicatrização foi grande devido à gravidade e extensão da lesão, justificando a demora da cura clínica da paciente.

Palavras-chave: Cicatrização. Equídeos, Ferimentos, Fitoterapia.

RS 036

Jenifer de Jesus Araújo, Flávia Costa Garcia, Flávia Rodrigues Araújo, Gleice de Matos Rodrigues e Alexandre Santos Carneiro - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

Vantuil Moreira de Freitas, Raquel Loren dos Reis Paludo e Karla Irigaray Nogueira Borges - Docentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES.

URETOSTOMIA E PNECTOMIA CORRETIVA DE PARAFIMOSE EQUINA.

Esse estudo objetivou, via relato de caso, estabelecer o diagnóstico clínico da parafimose, definir a causa primária por meio de exame histopatológico e descrever o tratamento cirúrgico em garanhão meio sangue manga-larga, nove anos de idade, 400 Kg peso, cor alazã. Há sete meses desenvolveu-se massa consistência dura, tamanho 20 centímetros comprimento na superfície do pênis do cavalo. O animal foi atendido por professor e alunos da UNIFIMES que, pelo exame clínico, diagnosticaram parafimose. As possíveis causas são traumatismo, habronemose e neoplasias. Devido à natureza crônica e gravidade da lesão foi recomendado o tratamento cirúrgico com amputação do pênis e posterior castração descartando-o da reprodução. Coletou-se sangue para hemograma e fibrinogênio como exame de rotina pré-operatório; jejum hídrico e alimentar de 12 horas e protocolo anestésico com acepromazina (0,1 mg/Kg), midazolam (0,2 mg/Kg) e cetamina (2 mg/Kg) além de anestesia local infiltrativa cloridrato lidocaína 2 % (0,5 mg/Kg equivalente 40 ml); utilizou-se uma sonda uretral e torniquete; no trans-operatório fez-se a uretostomia (incisão triangular, sutura das bordas da uretra e formação de fístula visando prevenir a estenose uretral) seguida de pnectomia (amputação peniana); no pós-operatório aplicou-se antibiótico penicilina procaína (20.000 UI/kg) por sete dias, anti-inflamatório (meloxicam 0,5 mg/Kg) por três dias, soro antitetânico (5000 UI) e tratamento local da ferida com ducha de água e cicatrizante. O resultado do hemograma e fibrinogênio foi dentro dos limites normais. No exame histopatológico a microscopia revelou infiltrado perivascular multifocal moderado de linfócitos e plasmócitos, incluindo algumas células Mott, além de numerosos capilares neoformados dispostos paralelos entre si e perpendiculares à superfície, em meio a tecido conjuntivo proliferado indicativo de uma falite linfoplasmocítica multifocal moderada crônica com tecido de granulação. As alterações histopatológicas são compatíveis com processo inflamatório crônico, possivelmente de origem infecciosa e/ou traumática. Não foram notadas alterações associadas a habronemose ou carcinoma de células escamosas. O animal recebeu alta médica após quatro semanas e segundo o proprietário não houve nenhuma complicação adicional. Concluiu-se que o sucesso do tratamento cirúrgico vai depender da habilidade, do conhecimento teórico científico alicerçado na experiência prática e rigor do cirurgião e principalmente do pós-operatório que, em cirurgias realizadas a campo, será realizado pelo funcionário ou pelo dono do animal e cientes que as complicações são comuns, deve-se, portanto, notificar e compartilhar a responsabilidade de todas as pessoas envolvidas na recuperação do animal.

Palavras-chave: cirurgia, equino, patologia, pênis

RS 037

Ana Clara Dantas Ruzza, Flávia Costa Garcia, Matheus Araújo e Laryssa moreira - Discentes do curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES
Vantuil Moreira de Freitas, Flávia Garcia Dorigon e Karla Irigaray Nogueira Borges - Docentes do Curso de Medicina Veterinária da UNIFIMES

ORQUIECTOMIA EM EQUINOS

O objetivo deste trabalho é descrever a técnica de castração em equino e os principais motivos da sua indicação. A metodologia utilizada foi o referencial teórico pela revisão de literatura aliada ao relato de caso oriundo de aula prática de cirurgia aos alunos do curso de medicina veterinária da UNIFIMES. A orquiectomia ou castração refere-se à remoção cirúrgica dos testículos. Geralmente, as principais razões são a esterilização do macho descartando como reprodutor, a facilidade do manejo (comportamento mais dócil e menos agressivo, menos briga de garanhões); evitar odor na carcaça (em suínos, carneiro e bode); o macho inteiro (não castrado) tem maior ganho de peso devido efeito anabolizante da testosterona, já o castrado é mais eficiente na engorda (entenda como deposição de gordura ou acabamento e não ganho de peso). Foi solicitado atendimento cirúrgico para um cavalo sem raça definida, 40 meses de idade, cor zaino, 400 Kg peso vivo. Recomendou o jejum hídrico e alimentar por 12 horas. O protocolo anestésico foi a sedação com cloridrato de acepromazina (0,1 mg/Kg peso vivo, via intravenosa) e bloqueio local na linha da incisão e intra-testicular com cloridrato de lidocaína a 2 % (0,5 mg/Kg equivalente a 10 ml em cada testículo) como alternativa simples e barata. Procedeu-se a contenção física com cordas grossas para evitar isquemia dos membros segundo a técnica de derrubamento com uso de uma corda no pescoço e tração dos membros posteriores em direção cranial até o animal deitar-se em decúbito lateral. No trans-operatório optou-se pela técnica aberta, sendo a mais frequentemente empregada, ainda que haja o risco de funiculite e peritonite por extensão devido a secção da túnica albugínea. Fez-se a incisão da pele e túnicas paralelas a linha rafe, exposição e divulsionamento do cordão espermático e sutura do mesmo com fio inabsorvível de nylon em dois pontos equidistantes em cada testículo. De imediato, introduziu cloreto de sódio dentro de cada bolsa testicular visando o efeito bacteriostático e amenizar o desenvolvimento de seroma. No pós-operatório fez-se a aplicação de antibiótico penicilina procaina (20.000 UI/Kg peso, IM) uma vez ao dia durante sete dias, anti-inflamatório flunixin meglumin (1 mg/Kg peso, IV) uma vez ao dia durante cinco dias, soro antitetânico (5000 UI) e curativo local com cicatrizante spray na ferida até a cicatrização completa. Como complicação pós-operatória desenvolveu edema moderado no prepúcio e bolsa testicular durante seis dias, diminuindo-se naturalmente após este período. O animal recuperou-se bem e o proprietário ficou grato com a prestação de serviço da UNIFIMES a comunidade”

Palavras-chave: Castração, Equinocultura, Cirurgia, Reprodução, Técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Agradecemos a todos da administração, bem como os colaboradores da Unifimes, na pessoa da Magnífica Reitora Profa. Ma. Ita de Fátima Dias Silva pelo apoio e incentivo na realização da terceira semana do curso de Medicina Veterinária com a temática geral: **“A medicina cura o homem, a medicina veterinária cura a humanidade”**. O evento transcorreu nos dias 27 e 31 de agosto de 2018 em Mineiros, no Auditório anexo a Biblioteca Dom Eric James Deitchman, na Unidade I da UNIFIMES. Durante o mesmo foram realizadas 12 palestras científicas que contaram com a presença de dez profissionais advindos de outras Instituições e com dois professores da casa. A participação dos discentes no avanço científico se deu por meio da produção e apresentação de 37 trabalhos na forma de pôsteres. Também aconteceram dois minicursos, nos dias 30 e 31 de agosto. O evento contou com a participação massiva dos estudantes do curso de Medicina Veterinária e outros profissionais da cidade de Mineiros e região perfazendo um total de 186 inscrições.

Agradecemos de forma especial à FAPEG pelo apoio financeiro dado a UNIFIMES, Curso de Medicina Veterinária, por ocasião da realização de sua terceira semana. Nosso apreço também aos professores do curso, sobremaneira ao professor Dr. Rodrigo Martins, coordenador geral da III Semana – Sevet, ao coordenador do Curso, prof. Me. Eric Mateus por seu empenho e carinho junto aos alunos.

Prof. Dr. Eleno Marques de Araújo
Diretor de Pesquisa